ALMEIDA MORAES

BENEDICTO CALIXTO

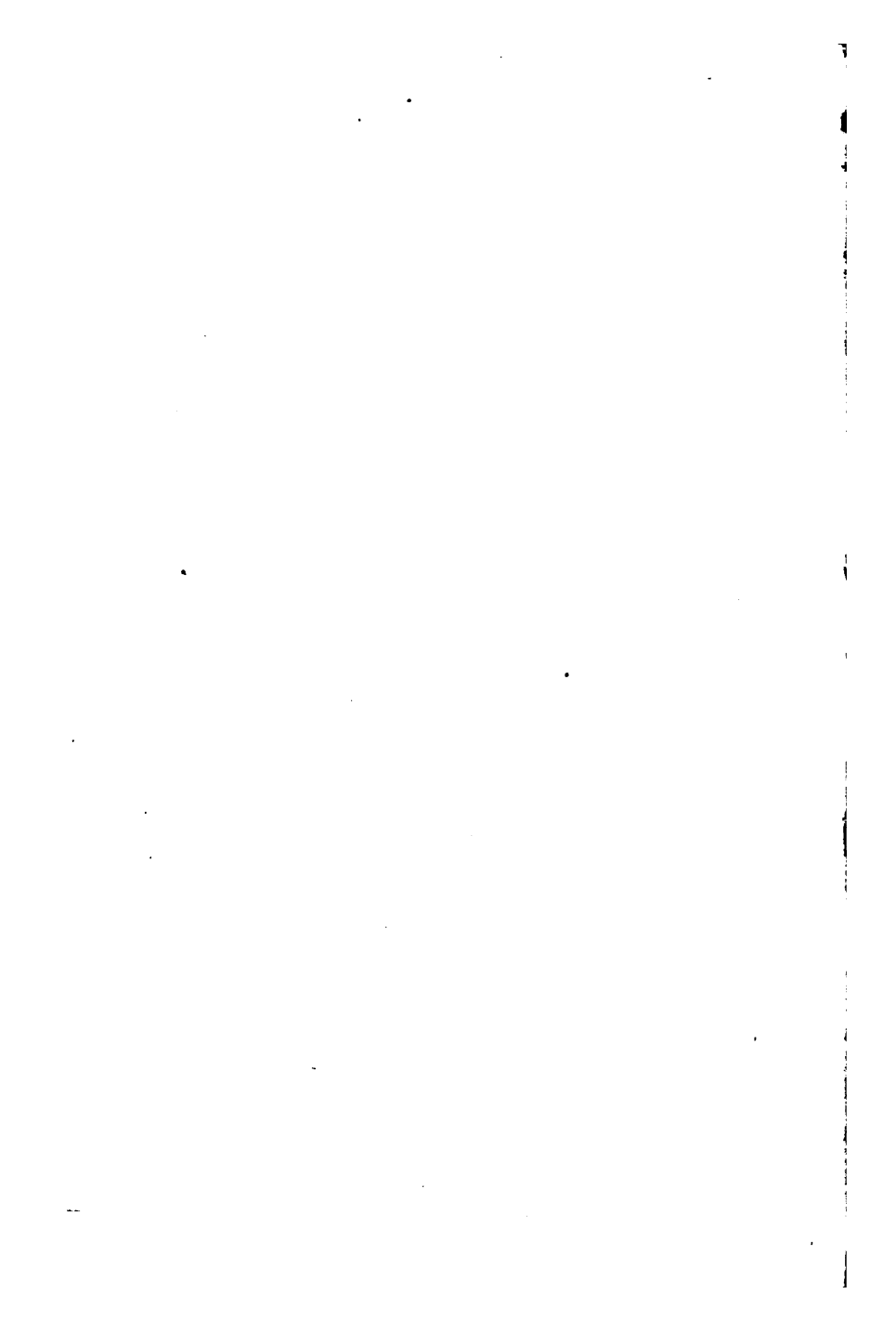
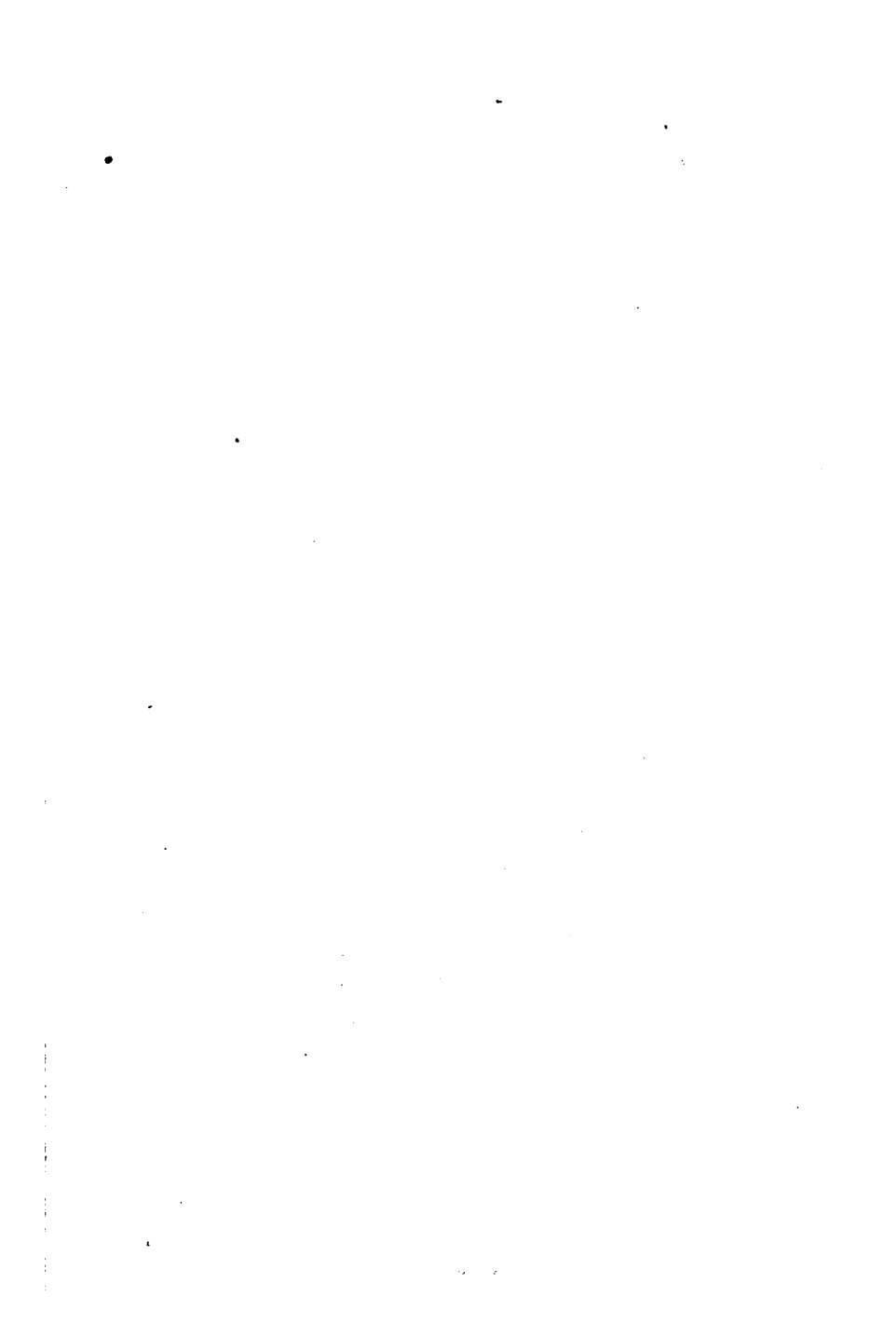
EUGENIO EGAS

Braz Cubas

Depositaria :

LIVRARIA EDITORA — R. Boa Vista, 66

1907

BRAZ CUBAS

Cel Almeida Moraes -
Presidente da Camara de Santos

Braz Cubas

Subsidios para a biographia de Braz Cubas, fundador e povoador de Santos, por Francisco Corrêa de Almeida Moraes.

I

Braz Cubas, homem activo, audaz e de animo desassombrado para os grandes emprehendimentos, veiu ao Brazil em companhia do donatario Martim Affonso de Souza; aportou a estas plagas no anno de 1531 (1) e aqui ficou, com animo firme de residir, emquanto o donatario explorava as costas do Sul, com instrucções do governo da metropole para fazer as

demarcações precisas e com o fim de adquirir, assegurar e perpetuar a posse das terras percorridas para o dominio da corôa de Portugal. Braz Cubas já gozava, então, dos titulos nobliarchicos de Cavalleiro Fidalgo da Casa de El-Rei e de Moço da Camara.

Segundo o notavel historiador e genealogista paulista Pedro Taques de Almeida Paes Leme, de inolvidavel e saudosa memoria, Braz Cubas trouxe ao Brazil, em sua companhia, os seguintes irmãos:

Antonio Cubas, Gonçalo Cubas e Catharina Cubas, todos naturaes do Porto (Portugal), filhos legitimos de João Pires Cubas e de D. Isabel Nunes e netos de Nuno Rodrigues; entretanto, Frei Gaspar da Madre de Deus, incontestavelmente, na sua época, um dos homens de mais conhecimentos sobre os factos iniciaes da nossa historia colonial, affirma que « concor-

reram mais da dita cidade (Porto) João Pires Cubas, pae do mencionado Braz Cubas, Francisco Nunes Cubas, Antonio Cubas e Gonçalo Nunes Cubas, seus irmãos » (*)

Omittiu, pois, Frei Gaspar o nome de Catharina Cubas, mencionando, entretanto, o nome de Francisco Nunes Cubas, omittido por Pedro Taques, e o velho João Pires Cubas, que, conforme está verificado, só veiu para o Brazil em 1540, sendo então o portador da carta de doação de terras nas margens do rio Jurubatuba de que adeante trataremos, carta esta lavrada em 25 de Setembro de 1536, a mandado de D. Anna Pimentel, mulher e procuradora do donatorio Martim Affonso de Souza. Accrescenta o religioso chronista : « teve Braz Cu-

---

(*) Memoria para a historia da Capitania de S. Vicente.

bas uma filha natural, de quem persevera distincta descendencia » ; entretanto, não menciona o Capitão Pedro Cubas, que foi Capitão-mór em Santos, tambem filho natural de Braz Cubas, nascido já no Brazil, e fallecido com testamento feito e approvado em 17 de Setembro de 1628. Este, pelo que reza o mesmo testamento, não se casou nem teve descendencia; mas sua irmã, *de quem persevera distincta descendencia*, D. Isabel Cubas, que podia ter vindo em companhia de seu pae, ou que tambem foi havida aqui, contrahiu casamento, em 1557, com Paulo de Proença, natural da Villa de Alemquer, e que á Capitania de S. Vicente veiu no anno de 1540

Deste casal, pois, é que ha neste Estado e em outros, limitrophes, enorme prole, como especificadamente refere o notavel genealogista Dr, Luiz

Gonzaga da Silva Leme (*), e antes pelo não menos notavel Pedro Taques (**). Em 10 de Outubro de 1532 Braz Cubas obteve do donatario Martim Affonso de Souza, por carta de sesmaria, terras em campos de Piratininga, o que é confirmado pelo erudito Dr. Theodoro de Sampaio, nos seguintes termos: (***) « Braz Cubas, o fundador de Santos, o homem que todos os cargos elevados da Capitania occupou, o genio operoso e bemfazejo nesse periodo da historia da Colonia, tinha já obtido a sua data de terras nas vizinhanças do Collegio; e, mais tarde, em 1536, obteve de Anna Pimentel, mulher e procuradora de Martim Affonso de Souza, referido donatario, doação de

---

(*) Genecologia Paulistana, vol. 6.

(**) Nobliarchia Paulistana.

(***) S. Paulo no tempo de Anchieta (Conferencia).

terras nas margens do rio Jeribatiba, hoje denominado Jurubatuba ([2]) terras estas fronteiras ao local onde hoje assenta a cidade de Santos, comprehendendo nesta doação a ilha fronteira ao referido rio, denominada então Ilha Pequena, mais tarde Ilha de Braz Cubas, e hoje Ilha do Barnabé e que continham (as referidas terras), segundo a *Revista Nacional* «Santos de Outr'ora», do Dr. Inglez de Souza, trese leguas de testada e fundos até onde chegar a conquista de Portugal e que mais tarde ficaram pertencendo ao Convento do Carmo, por doação que Braz Cubas fez a esse Convento; e, finalmente, é certo, como se vê da relação das sesmarias da Capitania do Rio de Janeiro, inserta na Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, volume XIII, parte primeira, a pag. 100, que ainda obteve Braz Cubas, por alvará de 1568,

sesmaria nas vizinhanças do Rio de Janeiro, pois que reza a dita relação: « Braz Cubas 3.000 braças por costa ao longo do Salgado e 9.000 para dentro em o rio de Merety em 3 de Agosto do dito anno (1568), irá correndo pela Piasaba da Aldêa de Jacotinga ».

Foi nesta Ilha Pequena e hoje Barnabé que, pelo menos até o anno de 1543, residiu Braz Cubas em companhia de seu pae João Pires Cubas, estabelecendo nella o plantio de cannas de assucar, de arroz e de outros cereaes ([3]), não só porque ficava a moradia mais proxima a S. Vicente, como porque em *matto dentro,* como então se dizia, ficavam os moradores muito expostos e sujeitos aos ataques e consequentes depredações das tribus indigenas, que infestavam aquellas bandas até Ubatuba e cujas investidas, nessa época, com o

auxilio dos francezes foram repetidas, como se deprehende do traslado da escriptura de auto de posse dessa Ilha e mais terras, passada em Lisbôa a 10 de Agosto de 1540:

Na parte a que nos referimos diz esse traslado: « elle capitão (Martim Affonso) lhes houve por demarcadas pelas demarcações já ditas e metteu posse realmente em feito, visto já a obra que na dita Ilha tem de cannaviaes e mantimentos, e por elle dito Braz Cubas foi tambem pedido a elle Capitão mandasse a mim Tabellião que désse aqui a minha fé em como havia tres annos que João Pires Cubas, seu pae, viera a esta terra com fazenda e gasto para aproveitar as ditas terras e tomar posse dellas e aproveital-as, o que deixou de fazer por dita terra ser habitada por gentios nossos contrarios e por esse respeito não pudera nem podia

aproveital-as, etc. » Verifica-se, pois, pela referida escriptura, cuja cópia acha-se transcripta no volume VI da Revista do Instituto Historico de S. Paulo, que a dita Ilha Pequena fazia parte das terras doadas; que nella residiram Braz Cubas e seu pae; e que, finalmente, este foi o portador da referida carta de doação em 1540.

Foi, portanto, nesta época que Braz Cubas concebeu o elevado e feliz plano de fundar uma povoação, começando por uma Casa de Misericordia; e, após, lançou os primeiros alicerces da referida povoação, que imponente hoje se ostenta á margem do canal que a circunda e que constitue, em toda a America, o porto de mais seguro abrigo. O principal motivo deste arrojado commettimento fundava-se em que « era inconveniente o surgidouro onde o rio de Santo Amaro desembocca no canal da Barra Grande

e onde os navios, até esse tempo, davam fundo, assim aos marinheiros como aos donos das fazendas: aos primeiros por lhes ser necessario residir em porto solitario, emquanto as embarcações aqui demoravam; e aos segundos porque conduziam para a Villa as suas cargas mais pesadas ou pela Barra de S. Vicente, com muito perigo, em canôas, ou por dentro, rodeando toda a Ilha, com viagem mais dilatada »; acrescentando ainda que « os marinheiros que chegavam enfermos ou aqui adoeciam, depois de cá estarem, padeciam muitas necessidades por falta de se curarem. » Com estes nobres, elevados e humanitarios intuitos, despertados por uma inspiração toda santa, conseguiu Braz Cubas, sob os melhores auspicios e com o concurso dos seus conterraneos, homens bons, moradores principaes da terra, realizar tão notavel empre-

hendimento, erigindo nesta terra, então inculta, um hospital e irmandade de Misericordia que o administrasse.

De facto, um hospital, com irmandade de misericordia, foi erigido neste local, que, a esse tempo, era matto virgem, constituindo-se, assim, a primeira confraria, no genero, nesta vasta região da America Meridional ; ella foi confirmada por D. João III, em Almeirim, aos 2 de Abril de 1551, como é expresso no antigo Livro de Compromisso existente no archivo daquella irmandade.

Com o hospital foi tambem fundada a povoação, que devia servir de base á cidade actual, preponderando, para isso, no animo do Braz Cubas a convicção de que assim evitava o incommodo de fazer viagens largas, quando lhe fosse necessario ir á villa, e a dita povoação ficava mais proxima á sua fazenda e em

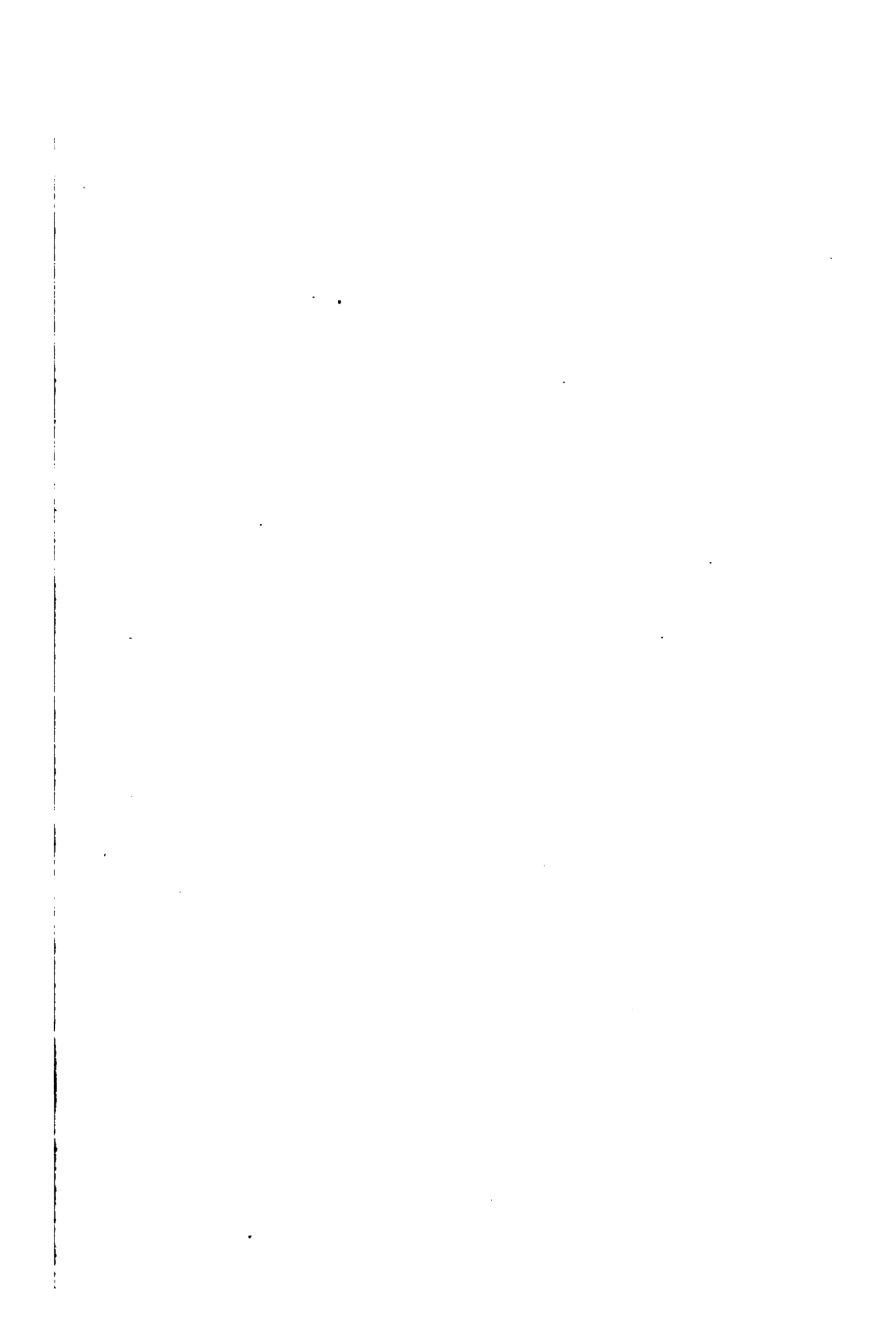
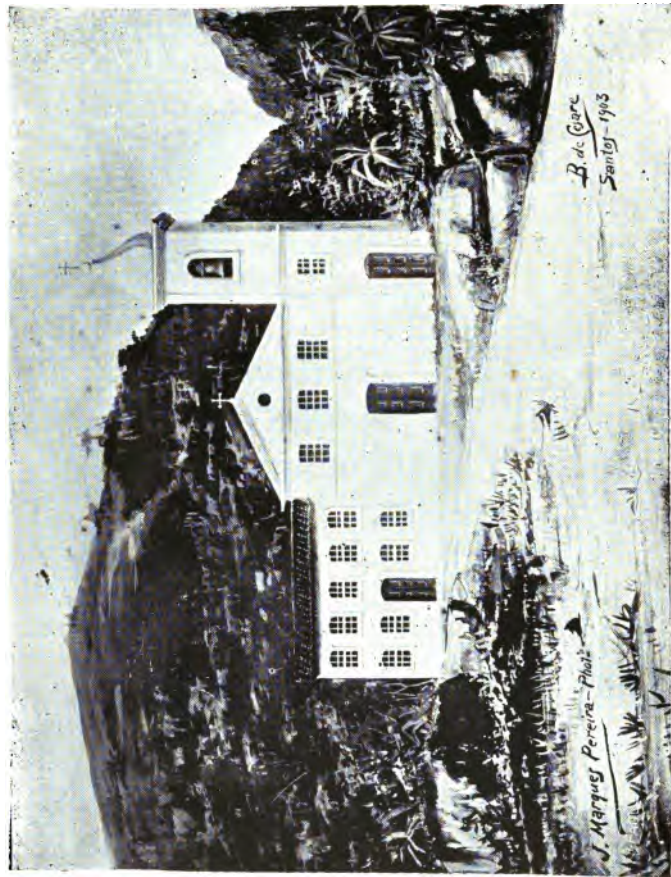
sitio mais adequado para o embarque e desembarque dos navios, como elucida Frei Gaspar.

Para levar a effeito este tentamen, no anno mencionado de 1543, Braz Cubas comprou de Paschoal Fernandes e Domingos Pires as terras situadas junto ao outeiro de Santa Catharina, na face norte da Ilha do Morpion, já conhecida por Ilha de S. Vicente; e, reconhecendo a superioridade da bahia, a que os indios apropriadamente chamavam Enguáguassú ([4]), mandou roçar o matto que cobria as ditas terras, e, activo e emprehendedor como era, fundou a povoação de *fogo morto*, com o nome de PORTO DA VILLA DE S. VICENTE, creando tambem, alem do hospital que teve a invocação de Santos, á semelhança de outro que existia em Lisbôa com egual invocação, differentes dependencias, como

um pequeno forte, que ainda existia em 1887, servindo á repartição da Guarda-Moria da Alfandega, e tendo o Pelourinho, o primeiro, levantado entre a praia e o solo, onde hoje ainda existe a casa do Trem.

A tal respeito esclarece Frei Gaspar: « O mesmo Braz Cubas, com esmolas e adjutorios dos confrades, edificou uma Igreja com o titulo de Nossa Senhora da Misericordia e junto a ella um Hospital com o appellido de Santos. Este titulo, que sómente era proprio ao Hospital, depressa se communicou á Povoação e dahi por deante entraram a chamar-lhe *Porto de Santos*. Assim a nomêam todos os documentos os mais antigos e não padece a menor duvida que nella houve Hospital antigamente junto á Igreja, que ainda hoje é a Matriz.»

Ainda o porto de Santos achava-se no berço, quando já sobrepujava a Villa de S. Vicente em edificação, população e commercio, sob a previdente e benefica loco-tenencia de Braz Cubas, esse homem de acção, que conjuntamente servia o emprego de Provedor da Fazenda: e, parecendo a este um contra-senso o estar a sua presada povoação subserviente a S. Vicente, em todos os ramos do publico serviço, em 1545 (*) deu-lhe o foral de Villa, que foi ratificado pelo governo de Portugal, em 1546, antes do que tivera um Juiz Pedaneo creado pela municipalidade de S. Vicente e sujeito a esta; servindo de Matriz á nova Villa a Igreja da Misericordia (**).

(*) Aos 19 de Janeiro.
(**) Machado de Oliveira: *Quadro Historico*

Antiga Santa Casa — Santos

Do antigo, celebre e historico outeiro de Santa Catharina só existem alguns fragmentos da sua base, que se alastrava até a Casa do Trem por sobre a parte por onde passa a rua Visconde do Rio Branco; a capella, que nelle existia, cahiu em ruinas no principio do seculo passado; mas, para que se não apague da memoria das gerações que passam, sob indicação de quem estes apontamentos escreve, então presidente da Camara Municipal, no precioso resto do rochedo em que assenta um predio de propriedade particular, foi encravada uma placa de bronze, com os seguintes dizeres: « *Esta rocha é o resto do outeiro de Santa Catharina e foi sobre este outeiro que Braz Cubas lançou os fundamentos desta povoação, fundando ao mesmo tempo, época de 1543, o Hospital de Misericordia, sob a invocação*

de Todos os Santos, que deu a esta cidade a primeira instituição pia no Brasil — Camara Municipal de Santos, 22 de Outubro de 1902.»

E', pois, neste marco indelevel, e neste logar por excellencia historico que os presentes e os vindouros, devassando a vida deste vulto lendario, ajuizarão dos grandes serviços por elle prestados á humanidade e á religião; e a historia Santista, acatando reverentemente sua memoria, prodigalisará os mais justificados elogios á sua proverbial tenacidade, em todos os ramos da vida, e a sua firme decisão nas acções para o progresso e defesa da terra que habitava, como attestam todas as instituições que tiveram origem na então Villa de Santos.

III

Aos 8 de Junho de 1545 entrou Braz Cubas a servir o cargo de Ca-

pitão-mór (Frei Gaspar) e uma das suas primeiras acções foi conceder o fôro de Villa ao porto de Santos; occupou mais os importantes cargos de Provedor da Fazenda Real, Alcaide-mór, Ouvidor e Loco-tenente do donatario. A primeira vez que serviu de Capitão-mór Governador da Capitania de S. Vicente, de Loco-tenente, de Ouvidor foi no periodo decorrido de 1545 a 1549, como consta do alvará de 4 de Dezembro de 1551, que assim reza: «por esses tempos os Indios Gentios faziam grandes perdas e damnos nas povoações e fazendas da dita Capitania, pela qual razão no anno de 1546 elle (Braz Cubas) com os moradores da dita Capitania fizeram guerra aos ditos inimigos, para a qual armaram navios e se fizeram outras despesas, tendo antes com outros Santistas expulsado

do seu porto os dous galeões inglezes ao mando de Eduardo Fenton. »

A segunda vez que serviu de Capitão-mór Governador foi no periodo de 1552 a 1554 ou 1555, porquanto consta de uma Carta extrahida, por certidão, do Real Archivo da Torre do Tombo, em Portugal, e datada de 18 de Junho de 1551, « mercê que lhe era concedida, sendo já moço de Camara, dos cargos de Provedor e Contador das Rendas e Direitos Reaes da Capitania de S. Vicente nas terras do Brasil, que servirá conforme o Regimento, que lhe fôr dado, havendo de ordenado em cada um anno dois por cento de todo o que renderem as ditas Rendas, Dizimos e Direitos que pertencerem e arrecadarem » ; e, finalmente, ha ainda certidão de outra Carta da mesma procedencia, datada de 4 de Fevereiro de 1553, fazendo-lhe « mercê dos cargos de Provedor e

Contador das Rendas, Capellas, Hospitaes, Confrarias, Albegarias e Gafarias, na Capitania de S. Vicente, em terras do Brasil, havendo de mantimento seis mil reaes, que lhe serão pagos á custa dos rendimentos dos ditos Residuos, que elle fizer arrecadar. »

IV

Entre o anno de 1553 a 1554 chegou a S. Vicente, em consequencia de um naufragio nas costas do Sul, proximo a Conceição de Itanhaem, um allemão celebre, Hans Staden, que foi bem recebido pelos portuguezes, dos quaes houve bom gasalhado; e como o dito hospede se mostrasse perito no manejo da artilharia, foi contratado para tomar o commando do forte da Bertioga em defesa das investidas dos tamoyos. Aconteceu, po-

rem, que, mezes depois, andando Staden em exercicios venatorios, internado no matto, foi preso pelos tamoyos e levado para a séde da tribu em Ubatuba, onde devia ser immolado.

Foi por este tempo, ou nesta occasião, que Braz Cubas, revelando sempre nobres, elevados e humanitarios sentimentos, tentou, pelos meios ao seu alcance, libertar do poder dos indios o famoso commandante allemão, ordenando aos que tripulavam um dos navios, que tinha armado para fazer guerra a estes selvicolas invasores, que procurassem meios de o resgatar quando o navio surgisse entre elles.

Ouçamos a narração do proprio Staden, quando o navio ancorou nas alturas de Ubatuba: « Então um chamado João Sanches (byscaio), que eu bem conhecia, me disse:— «Meu querido irmão, por vossa causa viemos aqui

com o navio, não sabendo se estaveis vivo ou morto, porque o primeiro navio não trouxe noticias vossas. Agora o Capitão Braz Cubas, em Santos, ordenou que investigassemos se ainda estaveis vivo e quando soubessemos que ainda vivieis deviamos ver se elles vos queriam vender; senão deviamos ver se captivavamos alguns para trocar por vós. »

V

Vamos, agora, entrar em uma das phases da vida de Braz Cubas, que a caracteriza como a de um homem que nunca se deixou vencer pelos perigos e difficuldades; que os encarou sempre com coragem, energia e tenacidade, enfrentando-os resoluta e denodadamente, tendo sempre como pharol, para o bom exito das suas acções e tentativas, essa ardente fé religiosa,

que nunca o desamparou, e como estimulo para os mais arrojados emprehendimentos o vehemente desejo de servir ao seu Rei e á sua Patria, áquem e além mar.

Havia noticia de que algumas expedições em busca de ouro e outros metaes, como as do Vasco Rodrigues Caldas e Francisco de Brusa Espinhosa, tentadas na Bahia, haviam sido mallogradas ; apezar disso, firmava-se cada vez mais a convicção de que as serras de ouro e prata deviam estar nas margens do rio S. Francisco, mesmo porque, por motivos anteriores, esta crença já predominava no espirito dos governos que na metropole se succediam, como se infere do «Diario da Navegação » de Pero Lopes de Souza, nos seguintes termos : « Daqui (Porto do Rio de Janeiro) mandou o Capitão (Martim Affonso) quatro homens pela terra dentro ; e foram

e vieram em dois mezes, e andaram pela terra 115 leguas; e as 65 dellas foram por montanhas mui grandes e as 50 foram por um campo mui grande, e foram até dar com um grande rei, senhor de todos aquelles campos e lhes fez muita honra e veo com elles até entregar ao Capitão (que em sua derrota ao Sul fundeou no porto do Rio de Janeiro em 30 de Abril de 1531); e lhe trouxe muito crystal e deu novas de como no Rio Paraguay havia muito ouro e prata. »

Havia tambem noticia do famoso espolio de ouro e prata do primeiro invasor do Perú, Aleixo Garcia; da surtida de Francisco de Chaves, que se achava em Cananéa e que teve um desastroso fim; assim como outras menções da existencia de muito crystal, ouro e prata nas serras indicadas pelos indigenas, que, no dizer de Warnhagen, « davam fé de que para as ban-

das do grande rio de S. Francisco se encontravam serras com esse metal amarello, cujos pedaços vão ter aos rios ; e ao mesmo tempo apresentavam amostras de varias pedras finas, entrando neste numero algumas verdes, como esmeraldas ; finalmente, em carta de Piratininga, em 1554, o padre José de Anchieta assignalava que « agora descobriu-se uma grande cópia de ouro, prata, ferro e outros metaes, até aqui inteiramente desconhecida (como affirmam todos), a qual julgamos ser um optimo e facilimo negocio, de que já por experiencia estamos instruidos.» (*)

O governo da metropole não descurava, então, de promover o descobrimento de ouro e outros metaes

---

(*) Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro,

nas terras do Brasil (5); determinou neste anno de 1559 duas expedições, uma pelo Sul, outra pelo Norte, ao mesmo tempo, as quaes dariam em resultado a inteira exploração do referido rio; confiando a expedição do Sul a Braz Cubas e a do Norte a Vasco Rodriguez Caldas. Para tal fim, por alvará de 7 de Setembro de 1559, foi nomeado o mineiro Luiz Martins e enviado ao Brasil para ver os metaes que se dizia haver neste paiz, devendo o nomeado proceder pela ordem e maneira que pelo governador geral Mem de Sá lhe fossem indicadas, vencendo 40$000 annuaes. « Depois da victoria sobre os franceses, no Rio de Janeiro, 1560, fôra Mem de Sá á Capitania de S. Vicente, onde se achava em Junho desse anno. Ahi providenciou para que o provedor Braz Cubas e o mineiro Luiz Martins

fossem pelo sertão a dentro a buscar minas de ouro e prata. » (*)

A expedição, ou, como mais tarde se denominou, *bandeira*, partiu no referido mez de Junho, não se sabendo se de Santos ou de S. Paulo, e, pelas instrucções que tinha, levou vereda para as bandas do rio S. Francisco, ao norte, até ao Pará-mirim, seu affluente da margem esquerda. « Passando por terras de Braz Cubas (Mogy das Cruzes), desceram pelo Parahyba, guiados pelos indios, até á paragem da Cachoeira, onde encontraram o caminho que atravessava do littoral para serra-acima, e, tomando por este caminho (a pé), subiram a serra Jaquamimbaba (Mantiqueira), foram á barra do rio das Velhas e

---

(*) Francisco Lobo Leite Pereira : *Descobrimento e devassamento do territorio de Minas Geraes,* opusculo a que devemos algumas notas.

correram a margem do rio S. Francisco até ao Pará-mirim, ou algum tanto adiante, donde voltaram pelo mesmo caminho. Em execução do artigo 40 do Regimento dado a Thomé de Souza, então Governador Geral na Bahia, Braz Cubas, provavelmente, assentou marcos da barra do rio das Velhas em diante, lavrando disso os competentes autos. Esses marcos deveriam tambem servir de signaes convencionaes para a gente de Vasco Rodrigues Caldas. » (*)

Não ha, portanto, duvida alguma de que Braz Cubas, em caracter official, segundo o Regimento de Thomé de Souza, levou incumbencia de descobrir ouro e outros metaes, assim como ordem para proceder ao reconhecimento geographico do rio S. Francisco e pelo caminho assentar

---

(*) Francisco Lobo : *Obra citada*

marcos, não constando mesmo haver se commettido esta diligencia, posteriormente, a qualquer outro.

De facto, dos documentos e publicações que compulsámos collige-se que, sendo a Capitania de S. Vicente uma das principaes do Brasil, della não ha memoria de qualquer entrada no sertão ao norte antes de 1587, a não ser a de Braz Cubas, no meado de 1560; e, em relação aos marcos acima mencionados, temos seguinte informação, que o Coronel Pedro Barbosa Leal deu ao Conde de Sabugosa a 22 de Novembro de 1725, e a proposito de attribuir a collocação desses signaes, áquem e além do Pará-mirim, a Belchior Dias: « Nem ha noticias de que por ahi andasse outro descobridor, e só ha tradição de que um paulista, *fulano de Cubas*, chegara ao Pará-mirim, onde descobrira um grande haver, voltando para

S. Paulo a convocar varios parentes e amigos e atravessara do sertão de S. Paulo para esse, cuja tropa tivera mau successo e não chegara ao Pará-mirim.» O que não offerece duvida é que a tropa que tivera mau successo e não chegara ao Pará-mirim, foi a de Vasco Rodrigues Caldas, e não a de Braz Cubas, que, em diligencia de descobrir «um grande haver», voltara para a capitania de S. Vicente, donde tinha ido atravessando pelo sertão até ao Pará-mirim; deste modo, a Braz Cubas devem ser attribuidos, sem contestação alguma, os referidos marcos, como primeiro explorador do rio S. Francisco.

De regresso a Santos, Braz Cubas dirigiu uma carta a El-rei, em fim do anno de 1561, dando conta da diligencia que por ordem de Mem de Sá levara a effeito. Tem-se conhecimento desta carta pela referencia que

a ella faz Braz Cubas em outra que dirigiu ao Rei em 25 de Abril de 1562, que adiante transcrevemos na sua fórma original.

Foi por occasião do seu regresso que Braz Cubas, achando-se doente em consequencia da penosa viagem que havia feito e já adiantado em annos, mas desejando corresponder á confiança com que era distinguido por Mem de Sá e « para bem servir a El-rei» , enviou o mineiro Luiz Martins ao sertão em busca de ouro, apresentando-o com todo o necessario para uma empresa desta ordem.

O enviado, enveredando pelos montes que mais tarde se denominaram Serra do Jaraguá, em cuja proximidade corre o ribeiro de Amaitinga, descobriu ouro tão precioso como os das Minas e dos mesmos quilates, cujas amostras Braz Cubas remetteu a Mem de Sá, para este ordenar o

que mais conviesse fazer. Uma prova irrecusavel em favor deste asserto póde ser verificado no seguinte trecho de uma certidão de Jacome da Motta, escrivão da comarca e tabellião da Villa de Santos, na costa do Brasil, e constante de um manuscripto archivado na Bibliotheca Nacional: « que Luiz Martins tinha chegado do campo, onde, por mandado do governador, tinha ido para ver se descobria alguns metaes e que elle fôra e viera e que achara ouro, que perante muitas testemunhas logo ali mostrara, o qual pesava tres oitavas e seis grãos e ficara na mão do dito Luiz Martins para remetter ao governador da Bahia de Todos os Santos. »

Outras provas: em Santos residia o Inglez John Whithall, que em carta dirigida para Londres, datada de 26 de Junho de 1578, communicou que o Provedor Braz Cubas e o Capitão-

mór Jeronymo Leitão lhe haviam asseverado terem elles descoberto minas de ouro e prata, e que esperavam chegada de mestres mineiros para porem em trabalho as ditas minas, do que resultaria enriquecer muito o paiz (*).

Quando, em 1591, o pirata inglez Thomaz Cavendish, tomou e saqueou a Villa de Santos, nella encontrou muito ouro que os indios trouxeram de um logar chamado por elles Mutinga, acrescentando a narrativa (Revista do Instituto Historico do Rio de Janeiro) que «os portuguezes são senhores do logar em que existem taes minas.»

O proprio epitaphio gravado na louza que cobre a sepultura de Braz Cubas é ainda uma prova a offerecer da veracidade da descoberta, por elle,

---

(*) Francisco Lobo: *Obr. cit.*

do precioso metal : « S. a de Braz Cubas, Cavalheiro Fidalgo da Casa de El-Rey. Fundou e fez esta Villa, sendo Capitão, e Casa de Misericordia no anno de 1543. Descobriu ouro e metaes anno de 60. Fez fortaleza por mando d'El-Rey D. João III.

Falleceu no anno de 1597, a. »

Finalmente, ha a carta a que atrás nos referimos e que é concebida nos seguintes termos :

« *Senhor — Por ua náo, que desta Capitania de São Vicente partio pera esse Reyno ho anno passado, escrevy a Vossa alteza como vindo a esta Capitania ho Governador Mem de Sáa lhe parecera vosso serviço quen fosse por este sertão dentro com hû homê que V. A. lá mandou a buscar minas de ouro e prata ; e como fora a minha custa a gente que levara ; comsiguo, he que andava de jornada tresentas*

legoas ; e pòr respeito das aguas que se vinhão me torney ; e as amostras que trouxe mandei a V. A. e ao Governador a Bahia, para que por ambalas vias soubesse ho que achára da quela viagem. Por eu vir muito doente do campo, he não poder loguo lá tornar, torney loguo a mandar ho mineiro Luiz Martins ao Sertão em busca de ouro ; he quis nosso Senhor que o achou em seis partes trinta leguas desta Villa tão boen como ho da mina e dos mesmos quilates ; he a mostra que trouxe mando daquy ao Governador a Bahia para asy o leixar mandado, he o manda chamar que venha dar ordem como se estas minas ão de beneficiar ; para ele o lexar asy ordenado a quy, cuando se foy, ho que faria logo em vendo meu Recado ; he a yso mando um bragnantim a bahia por lhe escrevo as novas deste ouro, para niso ver ho que lhe parece mais

serviço de V. A. o prover ou me escrever que o faça.

Nas minhas terras achey huas pedras verdes que parecem esmeraldas muyto fermosas; não ousey mandalas por este navio a V. A. para as não aventurar em tão fraqua passagem; toda vya mãdo-lhe a mostra delas, he da pedra em que nacê e o mesmo man-ao ao Governador ha bahia para que vá por duas vias a V. A., he vindo o Governador loguo a quy, como creo que virá e dando boa embarcação para ho Reyno mãdarei a V. A. as mayores e de mais preço. Mande V. A. olhar para esta terra, he mande a prover de polvora de bombarda e de espingarda e pelouros e chumbo e bombardeiros; porque é muyto amiudo combatida dos contraryos e tem digo *muyta necessidade diso e com brevidade e tenho grande areceyo que se perque, se V. A. não provê loguo e não manda povoar*

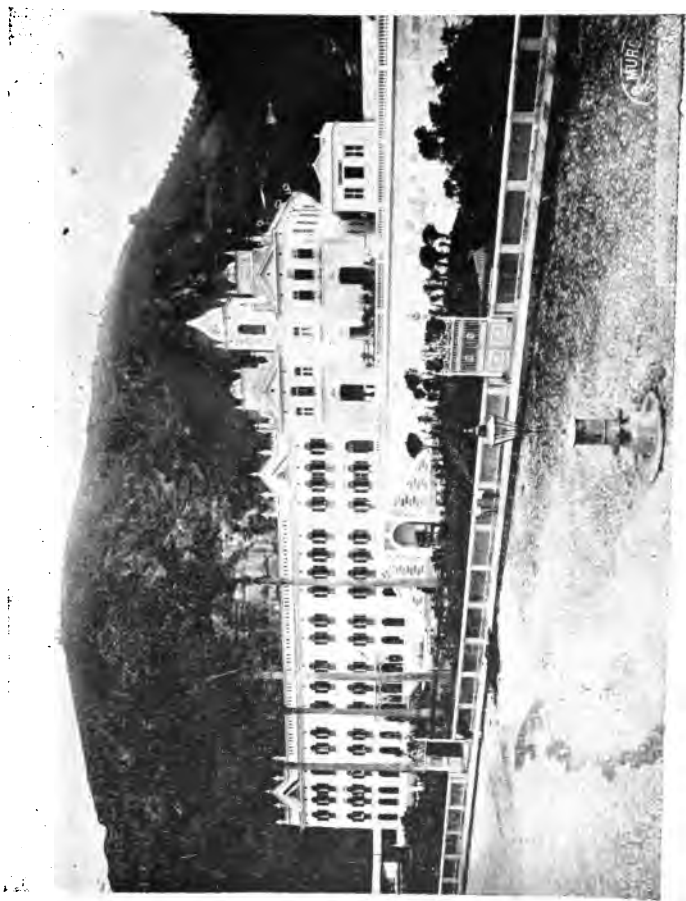
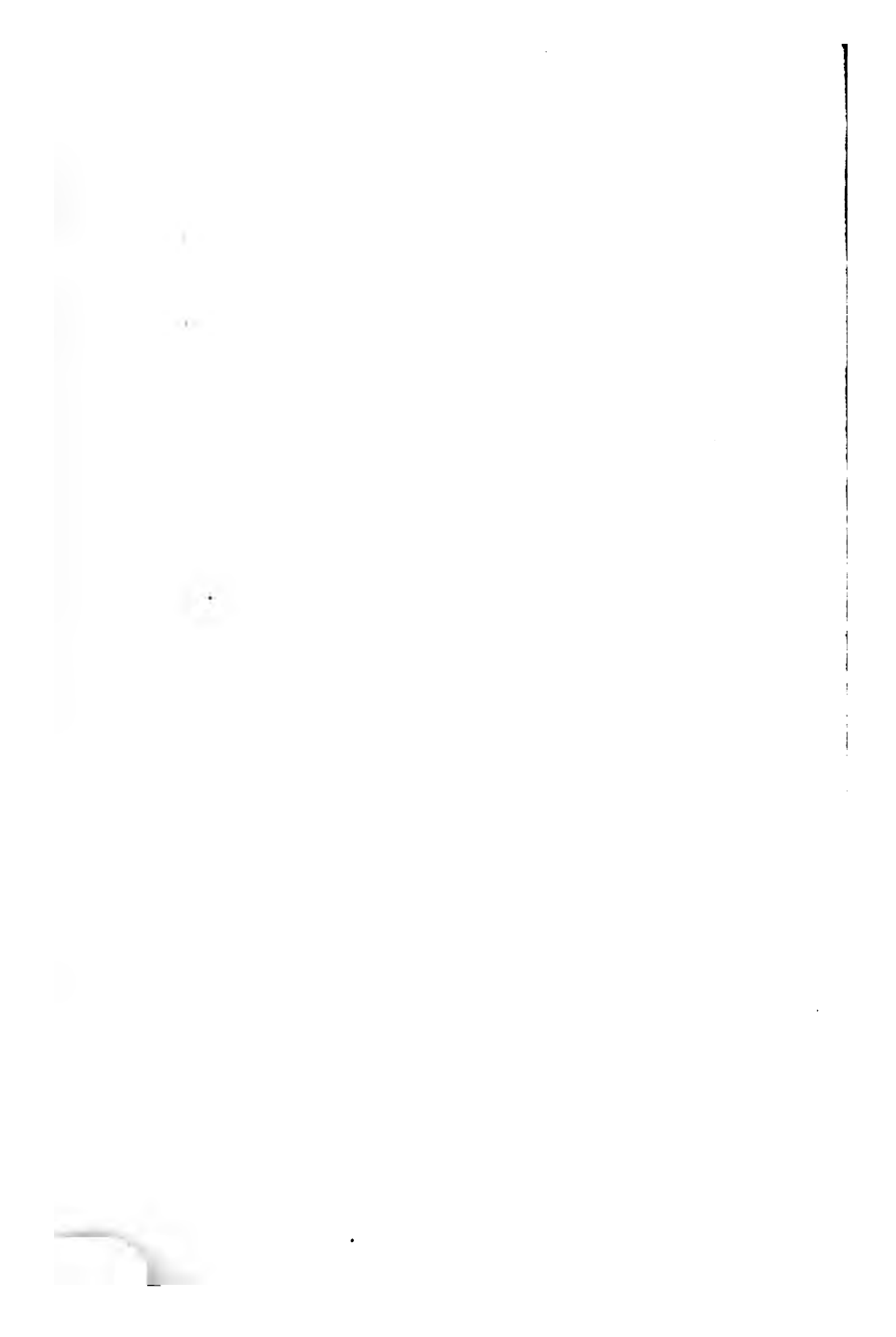
o Ryo de Janeiro, porque não haja Franceses que favoreção estes contraryos, que são muito nossos visinhos, por que os Franceses lhes dão muytas armas de foguo e muita polvora, com que lhes dão muyto hanimo para cometerem o que quiserem como fazem. Nosso Senhor acrecente a vida Real e Estado de V. A. por muytos ãnos a seu Santo Serviço — amen. beijo as Rexys mãos de V. A. desta vila do porto de Santos, oije 25 da bryl 1562.

Do Provedor da Capitania de S. Vicente — Braz Cubas. »

Se a viagem de Braz Cubas não teve o desejado exito em relação á exploração mineralogica, como se deprehende desta carta, todavia da viagem que fez alguma cousa trouxe, cujas amostras enviou, ao mesmo tempo, a El-rei e ao governador Mem

de Sá, para que por duas vias El-rei soubesse o que elle havia achado. O assentamento de marcos e outros vestigios dessa exploração no percurso transposto trouxeram como consequencia a expedição de novas *bandeiras,* que, com algumas variantes, orientaram-se pelas mesmas veredas, descobrindo grandes jazidas de ouro e outros metaes, cuja extracção, sob a mais animada e energica faina, trouxe a prosperidade, o progresso e o engrandecimento do Brazil, assim como levou ao Reino fabulosa riqueza, que, naquella época, imprimiu-lhe muita vida e muito brilho. Mas o que é ainda mais de ver e admirar é que nas zonas percorridas por Braz Cubas ao Sul, e por Vasco Rodrigues Caldas ao norte, abrindo assim brecha á inteira exploração do Rio S. Francisco — principal objectivo do governador — foram lançados os fundamen-

tos de muitas povoações, que, com o correr dos tempos, tornaram-se importantes, cortaram-se caudaes e profundos rios e transpuzeram-se ingremes e alterosas serras, como as da Mantiqueira, das Carrancas, do Itatiaya e as abas da de Sabará.

Daqui se poderá concluir da somma colossal de fadigas, de atropelos e obstaculos que Braz Cubas, com os demais exploradores, teve de supportar para que tão penosa viagem fosse levada a termo e della resultasse algum proveito. Basta considerar que, ás difficuldades creadas pela natureza asperrima de então, havia a juntar os assaltos das tribus indigenas, tão frequentes naquella época, obrigando a uma vigilancia permanente, e ás mil privações que acompanhavam explorações dessa natureza, através de florestas virgens, por incultas e vastissimas extensões,

Actual Santa Casa -- Santos

Do exposto se evidencía que a mineração do ouro era já uma industria exercitada na Capitania de S. Vicente, e pelos dados que temos á vista podemos formar o seguinte conceito: Braz Cubas, auxiliado pelo mineiro Luiz Martins e, posteriormente, por Jeronymo Leitão, foram os descobridores de ouro nas fraldas da serra do Jaraguá.

Desse mineirio enviaram amostras a El-Rei D. Sebastião, que nenhuma providencia deu sobre o assumpto, sem duvida pelas circumstancias especialissimas que tornaram critico o seu governo.

Para abrir a respectiva lavra, mandaram vir mestres mineiros de fóra e estabeleceram mineração no ribeiro Amaitinga. Neste mesmo bairro, ao norte de S. Paulo, na distancia de duas leguas, ou pouco mais, foram abertas e entretidas diversas lavras,

como se deprehende do que diz Pedro Taques (*), em relação a Miguel da Costa Gil « que foi morador em sitio proprio, no bairro do Jaraguá, no logar que é hoje chamado Cachoeira das lavras de Antonio Bicudo e que é cabeceira do ribeirão Amaitinga. »

VI

Com relação á data do fallecimento de Braz Cubas as opiniões divergem: alguns ha que argumentando com a fórma ou caracteristico do algarismo que figura no epitaphio da respectiva sepultura, na Egreja Matriz desta cidade, entendem que a morte verificou-se em 1592: deste parecer, entre outros, é o Dr. Luiz Gonzaga da Silva

(*) Nobliarchia Paulistana: Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, vol. 33º, 1870, 2.ª parte, pagina 257.

Leme (*); entretanto elle proprio tratando de João de Abreu, nobre cidadão da Villa de Santos, onde foi da governança de Braz Cubas, casado com D. Izabel de Proença Varella, bisneta do Fundador, escreve que este, como Provedor da Fazenda Real da Capitania, dera posse e juramento, a **8 de Março de 1597**, ao mesmo João de Abreu, sendo escrivão da dita Fazenda Athanasio da Motta, da serventia do officio de almoxarife das Capitanias de Santo Amaro e São Vicente.

A este respeito ha o seguinte, que traz séria duvida ao nosso espirito: o algarismo que pareceu a alguns, ser um 2 e a outros um 7, não será antes um 9, devendo portanto, vigorar para a data do fallecimento de Braz Cubas o anno de 1599? O fundamen-

---

(*) *Genealogia Paulistana:* Vol. 6.º, pag 189,

to desta duvida repousa no seguinte trecho referente a Dr. Francisco de Souza e publicado pelo *Brazil Historico,* de 1867 — 1868, de um manuscripto antigo, remontando ao anno de 1663 : « 23 de Maio do dito anno (1599) sahiu de S. Paulo a examinar as minas do sertão de Sorocaba e serra de Biraçoyaba, mandando primeiro presidir a Villa de Santos e providenciar a que não fosse invadida dos piratas que andavam na costa, pelo Capitão Diogo Lopes de Castro, com os officiaes e soldados de sua companhia, **ordenando ao Provedor da Fazenda, Braz Cubas,** mandasse assistir com carne, pescado, azeite e farinha e todo o mais necessario, emquanto elle passava a vêr as minas de Biraçoyaba.»

Da mesma procedencia temos ainda o seguinte, que mais nos robus-

tece a crença sobre a verdadeira data do fallecimento de Braz Cubas:

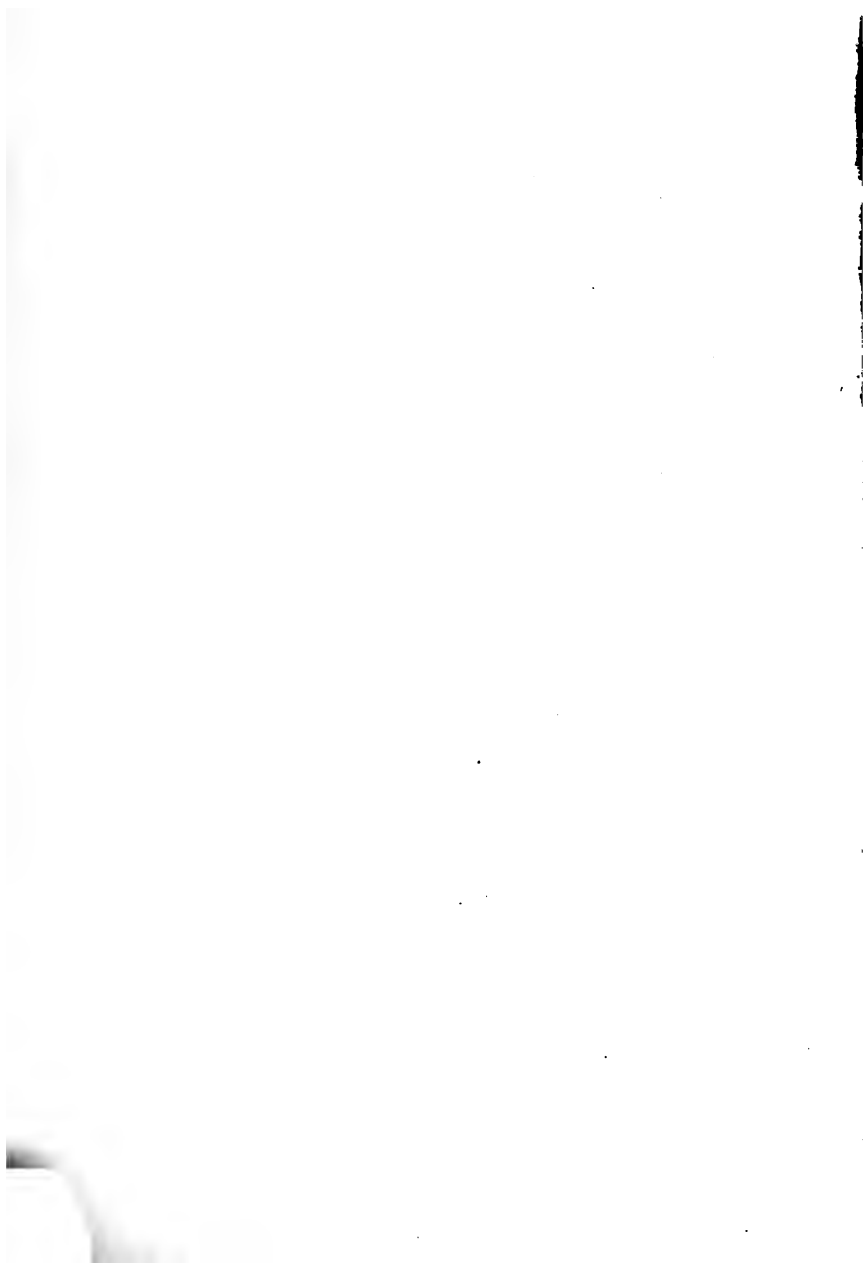
« Estando em Biraçoyaba, passou ordem, **datada de 2 de Agosto do mesmo anno de 1599, ao mesmo Provedor Braz Cubas,** para fazer cobrar 200$000 do fiador dós flamengos João Guimarães e Nicolau Guimarães, para as despezas que estavam fazendo com a gente do trabalho, com que se achava naquellas minas e com os soldados de infanteria que o acompanhavam. »

Em face de taes indicações, não será temeridade affirmar que o fallecimento de Braz Cubas deu-se na segunda metade do anno de 1599, sendo de presumir que o algarismo final do epitaphio tivesse sido alterado por qualquer circumstancia, dando-lhe a fórma de um *Z*, o que, entretanto, não póde invalidar, em nosso conceito, as indicações e referencias a factos

historicos occorridos nesse anno e directamente relacionados com Braz Cubas.

Ahi ficam, em agrupamento algo desordenado talvez, os apontamentos que pudemos colligir de tudo quanto existe de mais authentico e digno de fé sobre a vida do Fundador de Santos; investigadores mais competentes e acaso mais felizes completarão, refundindo, o que aqui deixamos como simples notas para um trabalho mais acurado e incomparavelmente mais interessante. Quizemos, apenas, contribuir com o nosso esforço para a homenagem, incontestavelmente merecida e necessaria, que a Cama Municipal desta cidade presta ao valente Fidalgo Portuguez, que ha 364 annos lançou os fundamentos de uma povoação obscura, que devia converter-se, aos poucos, no grande emporio commercial do Estado de S. Paulo e na segunda

praça maritima do Brasil. Sirva este humilde concurso de nobre estimulo aos que puderem ir mais longe, e relevem-nos os competentes os defeitos e lacunas que, estas notas possam apresentar, consequentes em bôa parte, das lamentaveis deficiencias e controversias que o investigador depara nas diversas fontes de consulta e informação.

Santos — Novembro de 1907

NOTAS

(1) Seguimos a data indicada por Frei Gaspar, Pedro Tacques e outros; entretanto, alguns chronistas, não menos respeitaveis, querem que o desembarque de Martim Affonso fosse realizado a 22 de Janeiro de 1532.

Estando todos de accôrdo quanto á data da saida da armada, que se effectuou em Lisboa a 3 de Dezembro de 1530, não é possivel admittir, argumentam os ultimos, que ella chegasse á costa oriental da ilha de Engáguassu em 22 de Janeiro de 1531, isto é, gastando apenas 50 dias em tão longa e penosa travessia.

Para uma viagem directa já seria extraordinario, pois que Colombo gastou, no percurso de Palos a Guanahy, 70 dias, e a viagem do grande genovez obedeceu á direcção da flecha disparada, como comparou Edgar Quinet (1); para uma viagem interrompida por

(1) Americo Braziliense *Lição de Historia Patria.*

paragens mais ou menos prolongadas, por tempestades, combates e aprisionamentos, como foi a da armada portugueza, esse curto tempo de viagem é absolutamente inacceitavel.

O nenhum fundamento da affirmação que assignala o anno de 1531, continuam os chronistas contestantes, resalta ainda mais da exposição do diario de bordo de Pedro Lopes de Souza, irmão de Martim Affonso [1]. Em 20 de Janeiro de 1531 dobrou a esquadra o cabo de Santo Agostinho, na altura do qual, até 2 de Fevereiro, aprisionou tres naus francezas carregadas de pau-brasil depois de renhido combate; em 17 do mesmo mez surgiu no porto de Pernambuco, onde tomou conhecimento das depredações feitas por um galeão francez na feitoria estabelecida por Christovam Jacques, sendo ordenado regressar dahi a Portugal uma das naus, afim de dar parte a el-rei de todo o occorrido; em 13 de Março surgiu defronte da Bahia de Todos os San-

(1) *Diario da Navegação da armada que foi á costa do Brazil.*

tos, onde foi lançado um padrão com as armas portuguezas; em 30 de Abril, após não pequenos contratempos, surgiu na bahia do Rio de Janeiro, onde a tripulação desembarcou, sendo ahi reparadas as avarias das naus, refeitas as provisões, etc., demorando-se nesse mister até 1 de Agosto, em que a esquadra zarpou com destino ao Rio da Prata; em 12 desse mez chegou á ilha do Abrigo, fronteira á barra da Cananéa, sendo ahi levantados padrões e organizada a celebre expedição, chefiada por Francisco de Chaves e o *bacharel,* que devia ir ao sertão e voltar com quatrocentos escravos carregados de ouro e prata; em 26 de Setembro fez-se de vela para o Rio da Prata, tendo naufragado nas costas do Rio Grande do Sul o navio em que ia Martim Affonso; finalmente, ao voltar fundou na ilha de Engáguassu aos 22 de Janeiro de 1532, dando-se começo aos primeiros fundamentos da povoação e capitania de S. Vicente.

Allegam mais: se como querem alguns chronistas, a frota de Martim

Affonso surgiu na bahia do Guanabara em 1 de Janeiro de 1531, e dahi veiu costeando até entrar em S. Vicente, força é concluir que a viagem de Lisboa ao Rio foi feita em 28 dias!

Ora, naquelle tempo eram pouco seguros os meios de navegar, alem de imperfeito o conhecimento dos ventos e das correntes ([1]).

Como é possivel admittir que, em mares ignotos, sacudidos por contínuas tormentas e abeirados de constantes riscos, navios que o padre Fernão de Queiroz classificava de « barcos tumbas de homens vivos na guerra, e desacommodados para a vida e para a saude na paz » ([2]), fizessem, em menos de um mez, viagem que os melhores veleiros dos nossos dias não con-

(1) Referindo-se ao naufragio occorrido em 8 de Julho de 1552, ao grande galeão *S. João*, de volta da India, perto da costa do Natal, descreve QUINTELLA (*Annaes da marinha portugueza*) que os navios portuguezes ainda não tinham mais panno que mezena, gaveas, papa-figos e cevadeira; e que os castellos de pôpa e prôa eram excessivamente altos, bem como as obras mortas, o que tornava os navios mui ventosos, e expostos aos golpes do mar e de mui mau governo, com vento forte e mar cavado. Prova de que a construcção não tinha feito progresso.

(2) *Historia da vida do veneravel Pedro de Basto.*

seguem vencer em tão curto tempo!?

Decidam os competentes a controversia.

Esta ultima razão parece convincente, maxime se attendermos á circumstancia de não ter Martim Affonso feito uma viagem directa, mas passando por Pernambuco e pela Bahia, onde combateu e aprisionou navios francezes.

(2) Outr'ora Jeribatyba, Geribatyba e ainda Jerybatuba: logar povoado de palmeira jerivá, palmeira do matto virgem. E' de lamentar que se desprezem as verdadeiras denominações historicas, para se adoptar e conservar as corruptelas, que subsistem por ahi em larga cópia, desfigurando os aspectos e traços da nossa vida inicial.

(3) Alem do arroz e milho zaburro, que produziam as terras de S. Vicente, tambem nellas dava-se muito bem o trigo e em grande quantidade; mas o trigo, segundo o padre Manoel da Fonseca, «deixou de ser cultivado em S. Vicente, porque em lambiques

os estillaram os antigos, fazendo delles agoas-ardentes ».

(Frei VICENTE SALVADOR : *Historia do Brasil*).

(4) Outros escrevem Engá-guassu, Induá-guassú e ainda, como Anchieta, Unguá-guassú.

Gonçalves Dias define (*Diccionario da lingua tupy*) : *Indoá*—pilão ; *Goaçú*—grande, que é a mesma significação dos vocabulos citados.

A acreditar no que affirma Warnhagen (*Historia Geral do Brasil,* XI), o nome de Enguáguassú foi dado pelos indigenas ao local em que é hoje a cidade de Santos, por motivo do monjôlo que ahi construiu Braz Cubas e que foi o primeiro do Brasil. «A idéa do monjôlo fôra sem duvida trazida por Cubas da Asia, e ainda hoje é conhecido na China, sendo-o na Ilha Formosa com o nome de *Chui toi*, que equivale a *pilão d'agua.*» Warnhagen affiança a veracidade desta sua affirmação, porque teve occasião de verifical-a, em 1873, na Exposição Universal de Vienna, em

vista dos modelos expostos na Secção da China.

(Consultem-se as *Notas Genealogicas*, do Dr. João Mendes de Almeida, pagina 93).

(5) No emtanto, Frei Vicente de Salvador *(Obra citada)*, insurgindo-se contra a negligencia dos portuguezes, que não se aproveitavam das terras descobertas, sustenta, tratando das minas do Brasil, que « sendo contigua esta terra com a do Perú, que a não divide mais que uma linha imaginaria indivisivel, e tendo lá os castelhanos descoberto tantas e tão ricas minas, cá nem uma passada dão para isso, e quando vão ao sertão é a buscar indios forros, trazendo-os á força e com enganos para se servirem delles e os venderem, com muito encargo de suas consciencias, e é tanta a fome que disto levam que, ainda que de caminho achem mostras ou novas de minas, não as cavam, nem ainda as vêm ou as demarcam. » E accrescenta :

« Um soldado de credito me disse que, indo de S. Vicente com outros, entraram muitas leguas pelo sertão,

donde trouxeram muitos indios, e em certa paragem lhes disse um que dahi a tres jornadas estava uma mina de muito ouro limpo e descoberto, donde se podia tirar em espaços ; porém que receiava a morte se lha fosse mostrar, porque assim morrera já outro que em outra occasião a quizera mostrar aos brancos ; e dizendo-lhe estes que não temesse, porque lhe rogariam a Deus pela vida, prometteu lha iria mostrar e assentaram de partir no dia seguinte pela manhã, porque aquelle era já tarde.

Com isto se apartou o indio para seu rancho, e quando amanheceu o acharam morto, e como se morreram todos, não houve mais quem tivesse animo para descobrir aquella riqueza, que a mesma natureza (segundo dizia o indio) alli estava mostrando descoberta. »

O mesmo escriptor allude as descobertas de pedras preciosas, bem como o magnifico chrystal em uma serra da Capitania de Espirito Santo, « em que estão mettidas muitas esmeraldas, de que Marcos de Azevedo levou as amostras a El-rei ».

ANNEXOS

Tendo, em 17 de Janeiro de 1906, o esculptor Lourenço Massa apresentado á Camara Municipal uma proposta para execução do monumento a Braz Cubas, mediante condições minuciosamente estipuladas, foi a proposta enviada ás commissões reunidas de Fazenda e Contas, e Obras e Viação, para, apreciando-a, emittirem parecer.

Em sessão da Camara, realizada a 21 de Fevereiro; presentes os vereadores Francisco Corrêa de Almeida Moraes, Coronel Francisco Antonio de Sousa Junior, Tenente Coronel Carlos Augusto de Vasconcellos Tavares, Dr. Raymundo Soter de Araujo, Tenente Coronel Augusto Filgueiras, Dr. Heitor Guedes Coelho, Tenente Coronel Hermenegildo da Silva Ablas, Tenente Coronel Cincina-

to Martins Costa, Dr. João Galeão Carvalhal e David Victor de Almeida, foi lido o seguinte:

Parecer N. 14:

O esculptor Lourenço Massa, residente em Genova (Italia), por seu procurador Snr. Com.dor João Manoel Alfaya Rodrigues, sujeita á apreciação da Camara Municipal uma proposta, para esculpir, em marmore, a estatua de Braz Cubas, fundador desta cidade, descrevendo o monumento, as suas dimensões, os seus adornos, etc, mediante o pagamento de *cincoenta mil liras* (ouro), em condições que são estipuladas na .proposta.

Comquanto não seja das mais lisongeiras a situação financeira da Municipalidade, sobrecarregada como se acha com pesados encargos, é entretanto, justificavel a acceitação da

proposta, autorizando-se semelhante despesa, não só por ser uma das mais justas aspirações alimentadas por muitos dos dignos membros desta Camara, como, principalmente, pela opportunidade que se apresenta, no anno vindouro, em que se commemora o quarto centenario do nascimento de Braz Cubas, sendo essa a melhor occasião, para, como muito bem diz o proponente: « em romaria civica o povo de Santos render seu tributo de homenagem á memoria do immortal fundador desta cidade.»

A vista do exposto, as commissões reunidas de Fazenda e Contas, e Obras e Viação, julgam que deve ser a proposta acceita, e confiada a execução do monumento a Braz Cubas ao esculptor Lourenço Massa, de conformidade com a descripção feita na sua proposta e pela quantia pedida, sendo, porém, os pagamentos feitos nas seguin-

tes condições: *dez mil liras* no acto da assignatura do contracto, *quinze mil liras* quando o monumento estiver em meio, *dez mil liras* quando se achar concluido, finalmente *quinze mil liras* após o monumento assente (em uma das praças desta cidade que será opportunamente designada) e officialmente entregue á Municipalidade.

Os cidadãos, Presidente da Camara e Intendente Municipal se dirigirão ao illustre Consul Geral do Brasil em Genova, no sentido de ser ao mesmo conferidos plenos poderes, para acompanhar no *atelier* do proponente a execução do monumento, assim como para, por seu intermedio, serem effectuados os respectivos pagamentos, á proporção que fôr communicado o andamento dos trabalhos.

E' este o parecer das commissões reunidas de Fazenda e Contas, e Obras

e Viação, que submettem á apreciação da Camara o projecto de lei abrindo o credito necessario para execução do monumento a Braz Cubas, salvo melhor juizo. Sala das Sessões da Camara Municipal de Santos, 21 de Fevereiro de 1906.

assignados

Francisco Antonio de Souza Junior, relator
« *Augusto Filgueiras.*
« *Cincinato Martins Costa*
« *David V. de Almeida.*
« *Hermenegildo Ablas.*

Posto em discussão, foi sem debate e unanimemente approvado, bem assim o projecto de lei, em 1.ª discussão tambem approvado.

Na sessão realizada a 28 de Fevereiro, presentes os mesmos vereadores, foi o projecto em segunda discussão approvado e convertido na lei seguinte:

Lei N. 210

Artigo I. Fica o cidadão Intendente Municipal autorizado a contractar com o esculptor Lourenço Massa, residente em Genova (Italia), a execução do monumento a Braz Cubas.

Artigo II. Com este trabalho será despendida a importancia de cincoenta mil liras, 50.000 (ouro), pagas em quatro prestações, ao cambio do dia, correndo esta despesa pela verba —Monumento a Braz Cubas, que será aberta no orçamento vigente.

Artigo III. Revogam-se as disposições em contrario.

Em cumprimento á lei municipal n. 210, foi, a 10 de Março de 1906, com o esculptor Lourenço Massa, legalmente representado por seu pro-

curador Snr. Commendador João Manuel Alfaya Rodrigues, firmado o respectivo contracto para execução do monumento a Braz Cubas, cuja descripção detalhada é a seguinte:

O MONUMENTO, SUA IDÉA ARTISTICA, DIMENSÕES E MAIS PARTICULARIDADES

O monumento é constituido por uma base formada de tres degraus, que serão interceptados no meio com escudos ou placas apropriadas para inscripções, isto para quebrar a monotonia de suas arestas. Sobre esta base assentará um pedestal, cujo topo será cortado em quatro chanfros, dos centros dos quaes penderão festões de louro, em bronze, emblemas da honra. Nos espaços intercallados entre esses chanfros serão lançadas as inscripções adoptadas e escolhidas pela Camara, inscripções que serão a bronze, para maior belleza e realce.

Na parte inferior do pedestal, no ponto de apoio na base, haverá trechos de ornamentação decorativa. Tanto a base como esse pedestal serão de marmore de côres, artisticamente cinzelado.

Encostado ao pedestal, e apoiado na base, vê-se um grupo de figuras allegoricas, representando : a do lado direito, o Commercio ; a do lado esquerdo, a Navegação, com emblemas da Industria e da Agricultura.

No centro ostenta-se a figura do genio, que, com a mão esquerda, empunha um escudo, onde se verá, ou o emblema do Municipio, ou se lerá uma inscripção determinada pela CAMARA MUNICIPAL ; e com a mão direita aponta para a figura de Braz Cubas. Essa allegoria teve o esculptor em vista adoptal-a, porque o genio, que é universal e não constitue patrimonio de uma nacionalidade,

Grupo allegorico do Monumento a Braz Cubas
O Genio, o Commercio e a Navegação

Marmore de Carrara

abrange todos os ramos da sabedoria humana. As allegorias apontadas representam a evocação historica da cidade de Santos nas suas actividades mais pronunciadas. Entretanto, caso assim convenha, a CAMARA MUNICIPAL indicará outra qualquer modificação, que julgar mais conveniente e acertada, procurando, porém, approximar-se do projecto, que é constante do modelo numero I.

Sobre o pedestal destaca-se a figura de Braz Cubas, na attitude desenhada na aquarella executada em Lisboa pelo artista Roque Gameiro e junto á proposta.

Braz Cubas traja á Fidalgo Cavalheiro do seculo XVI e empunha o bastão da nobreza contemporanea. Por detrás de sua figura levantou-se uma pequena columna, do cimo da qual pende um rolo, em fórma de pergaminho, deixando ver estampa

a cidade de Santos. A figura de Braz Cubas será em marmore de Carrara (Lavacchoni), tenho a altura de dois metros e cincoenta c/m (2^m50).

A altura total do monumento será de oito metros (8^m00) justos, tendo as arestas dos degraus quatro metros e oitenta centimetros (4^m 80) entre cantos, comprehendido o espaço interceptado das inscripções.

Em 10 de Março, por officio sob n. 73, foi solicitado do Exm. Snr. Dr. João Antonio Rodrigues Martins, Consul Geral do Brasil, em Genova, a gentileza de, por parte da Camara Municipal, acompanhar os trabalhos da execução do monumento, incumbindo-se tambem de effectuar os pagamentos, de conformidade com as clausulas contractuaes.

Acquiescendo ao convite feito, o digno Consul do Brasil respondeu por officio sob n. 82, datado 20 de Abril, nos termos seguintes :

Exmo. Snr.

Tenho a honra de accusar recebido o officio de V. Ex, n. 73, datado de 10 de Março ultimo, communicando-me ter essa Camara Municipal contractado com o esculptor Lourenço Massa, aqui residente, a execução do monumento a Braz Cubas, fundador dessa cidade de Santos, ficando resolvido, na mesma sessão 28 de Fevereiro findo, delegar poderes a mim, para, por parte dessa Municipalidade, acompanhar os trabalhos, fiscalizando-os, como tambem, opportunamente, prestar as necessarias informações, bem assim effectuar os pagamentos ; e, em consequencia, V. Ex. solicitava

de quem subscreve, a aceitação dessa incumbencia, com a qual eu prestaria inestimavel serviço a esse Municipio e ao mesmo tempo á nossa querida Patria.

Ao citado officio de V. Ex. acompanhavam os documentos referentes ao assumpto, isto é, as certidões do Parecer das Commissões reunidas de Fazenda e Contas, Obras e Viação, e a do contracto que, em 10 de Março ultimo, assignou a Camara Municipal com o esculptor Lourenço Massa, este ultimo representado por seu procurador legal.

Em resposta ao supra citado officio, declaro a V. Ex. acceitar com prazer a incumbencia para a qual fui por V. Ex. solicitado, e terei principalmente em vista, como V. Ex. pede, que, com dois mezes de antecedencia, informe sobre o estado do monumento, afim de que em meu

poder se achem os necessarios saques para os pagamentos estabelecidos na clausula 5.ª do mencionado contracto.

Estabelecendo o final da 3.ª condição do contracto que os detalhes do monumento em geral serão os constantes da proposta de 17 de Janeiro e que fará parte integrante do dito contracto, para a sua fiel observancia e execução, rogo a V. Ex. se sirva ordenar que me seja remettida cópia da dita proposta, afim de eu poder melhor cumprir o mandato que me conferiu essa Municipalidade.

Apresento a V. Ex. os protestos da minha distincta consideração e perfeita estima.

Ao Exmo. Snr Francisco Corrêa de Almeida Moraes.

Presidente da Camara Municipal de Santos.

(assignado) *João Antonio Rodrigues Martins.*

Para o desempenho fiel da incumbencia, foi posteriormente trocada correspondencia entre o Exmo. Snr. Consul do Brasil em Genova e a Presidencia da Municipalidade, cujos officios, cartas e telegrammas acham-se archivados na Secretaria da Camara e constam dos copiadores da citada repartição Municipal.

Apesar disso, necessario se torna salientar que por officio sob n. 195, de 3 de Setembro de 1906, pelo Exmo. Consul Geral do Brasil foram enviadas photographias do monumento, acompanhadas de uma carta em que o esculptor Massa suggeria a conveniencia de serem feitas algumas modificações no monumento, cujas alterações foram acceitas, tendo em vista não só as ponderações do distincto artista, como tambem pela exposição do Exmo Snr. Consul Geral do Brasil, na qual minuciosamente foram descriptas as

alterações tanto na parte artistica, como no seu custo. Ao Exmo. Snr. Consul do Brasil em Genova foi tambem dada autorização para a aquisição da grade, lampeões e mosaicos que circumdam o monumento.

Em nome da Camara Municipal, foi, a 8 de Junho de 1907, por officio n. 175, dirigido ao Exmo. Snr Dr. David Campista, Ministro da Fazenda, solicitada insenção de direitos de importação para o monumento e seus pertences.

Finalmente, em Outubro do corrente anno, encontrando-se no Rio de Janeiro o cidadão Francisco Corrêa de Almeida Moraes, Presidente da Camara Municipal, este, juntamente com o Dr. João Galeão Carvalhal, vereador da Camara Municipal de Santos e Deputado Federal pelo Estado de São Paulo, pessoalmente se entenderam com o Exmo. Snr. Mi-

nistro da Fazenda, reiterando o pedido feito por aquelle e obtendo de S. Ex. resposta favoravel.

Officio de agradecimento ao Ex.^mo Snr. João Antonio Rodrigues Martins, Consul Geral do Brazil em Genova, que por parte da Camara Municipal fiscalizou a execução do monumento de Braz Cubas :

Exm. Snr.

Em nome da Camara Municipal de Santos e no meu proprio, tenho a maior satisfação em desempenhar dever sagrado agradecendo vivamente a V. Ex. o interesse verdadeiramente patriotico que prestou á execução dos trabalhos realizados para o monumento a Braz Cubas e o carinhoso cuidado com que cercou o andamento dessa

Candelabro do Monumento

obra, que representa para este Municipio o pagamento de uma velha divida de gratidão ao seu fundador.

De tal modo V. Ex. acceitou e desempenhou a incumbencia que lhe foi commettida pela Camara de Santos, tão relevantes serviços prestou no cumprimento das responsabilidades que bondosamente assumiu e tão desinteressada attenção dedicou á perfeita execução do citado monumento, que sentimo-nos na obrigação inilludivel, a Municipalidade e eu, pessoalmente de confessar o maior reconhecimento a V. Ex. por tão assignalado serviço, que bem demostra a orientação patriotica de V. Ex. no desempenho das funcções inherentes ao seu alto cargo.

Com a erecção do monumento de que se trata o Municipio de Santos presta um grande tributo de homenagem á memoria do seu illustre fun-

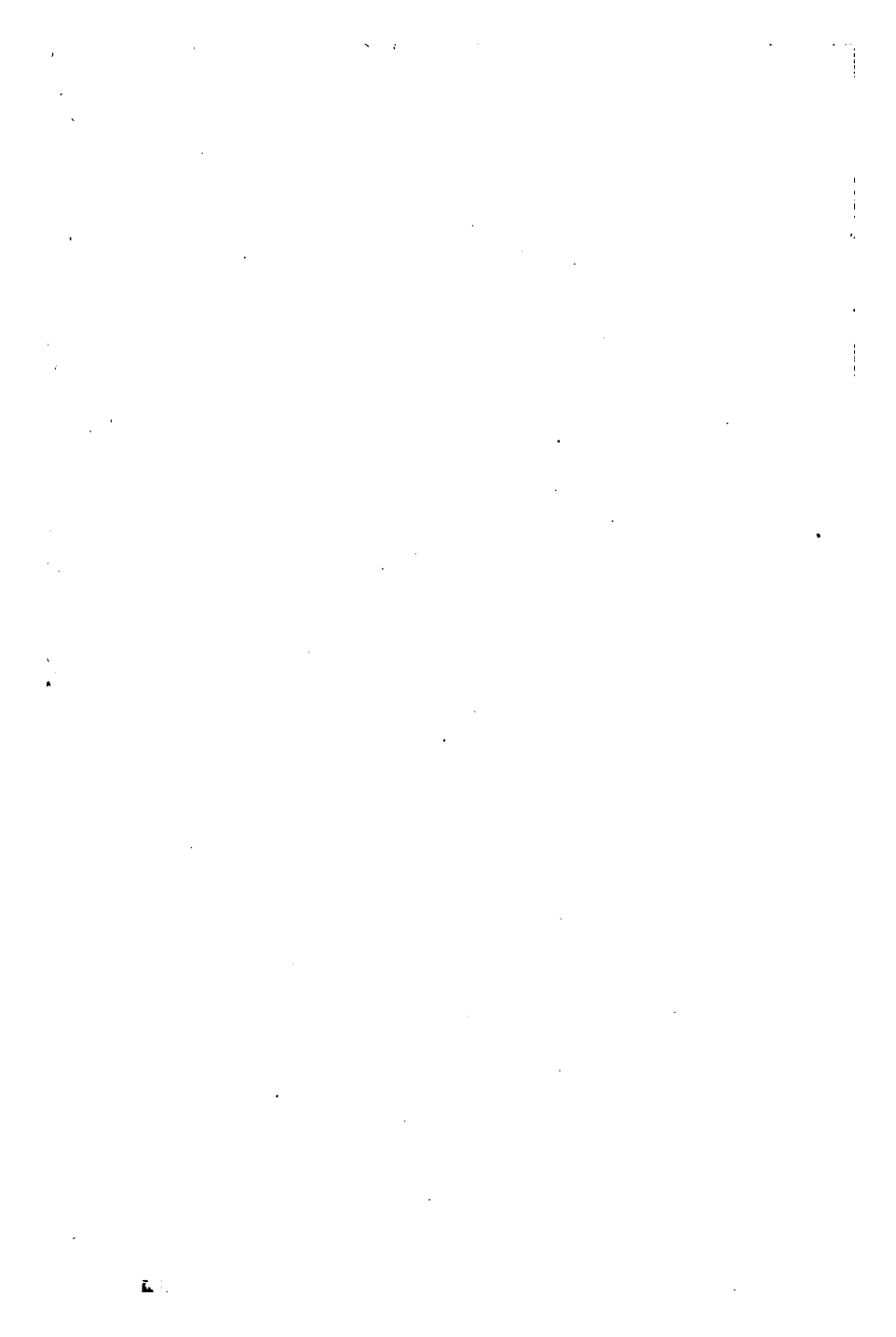
dador, satisfaz uma divida de profundo reconhecimento e dá ás gerações por vir o exemplo do galardão devido áquelles que bem merecem da gratidão popular por suas altas virtudes moraes e civicas.

Não esquecerá a Municipalidade Santista, representante legitima da população desta terra, que V. Ex. teve uma parte relevante na satisfação desse compromisso de honra, e que ao seu desinteressado patriotismo e alta comprehensão dos compromissos acceitos deve serviços inestimaveis e applausos calorosos.

Manifestando, portanto, a V. Ex. os intensos agradecimentos da Camara Municipal de Santos, por todo o esforço que patrioticamente envidou junto ao esculptor Lourenço Massa, para que fosse levado a bom termo o contracto com elle celebrado para a perfeita execução do monumento a

Braz Cubas, permitta que junte egualmente os meus protestos de reconhecimento por tão assignalado serviço e lhe exprima a maior satisfação pelo bom exito dessa elevada e patriotica iniciativa.

Acceite V. Ex. as seguranças da nossa mais elevada e distincta consideração.

Illm. Ex. Snr. João Antonio Rodrigues Martins, M. D. Consul do Brazil em Genova.— O Presidente da Camara, *Francisco Corrêa de Almeida Moraes.*

BRAZ CUBAS, quadro de B. Calixto
existente na Camara de Santos

O Terceiro Centenario de Braz Cubas

SUMMARIO

O lugar primitivo onde habitou. — O outeiro de Santa Catharina e os seus vestigios. — O primitivo hospital e a Igreja da Misericordia. — O lugar em que existiam a segunda Igreja e o Hospital. — Terceira mudança para o local em que actualmente se acha.— O lugar em que Braz Cubas foi sepultado. — Destruição da lapide que cobrio a sua sepultura e confusão que d'ahi pode resultar.

primitivo local em que Braz Cubas fez a sua residencia e deu inicio á povoação do *Porto de Santos,* foi no pequeno Outeiro de Santa Catharina, cujo espaço comprehende, toda a área que vai dos fundos da matriz, até a rua da Constituição, abrangendo a travessa do Visconde do Rio Branco.

Esse Outeiro está hoje quasi completamente arrasado, e delle apenas resta uma grande pedra, ja um tanto mutilada, talvez prestes a desapparecer.

A bróca e a picareta do cavoqueiro, obedecendo ao mando dos Senhores da terra, em épocas successivas, têm constantemente atacado e destruido o pequeno Outeiro de Braz Cubas. Sobre os restos do monolytho, ali existente o capitalista Dr. Giovanni Eboli teve a phantasia de mandar edificar, ultimamente, uma habitação alpestre, á guisa de *Castello.*

Não condemnamos a singular idéa do Dr. Eboli, e applaudimol-a mesmo, pois vemos que com ella S. S. prestou um relevante serviço á Cidade de Santos: fazendo acquisição daquelle terreno historico e tendo a original idéa de aproveitar o celebre monolytho para sobre elle erguer o

seu *castello,* este cavalheiro protegeu e salvou essa *reliquia* da sua destruição imminente.

Seria entretanto conveniente que, a Municipalidade, ou o Dr. Eboli mandasse gravar na mesma rocha uma inscripção, ou collocasse alli uma placa de bronze que, pelos seus dizeres, pudesse attestar aos vindouros que, foi n'aquelle sitio onde se ergueu, a primeira habitação de Braz Cubas, o primeiro templo de Santos, e que aquella pedra é ainda um fragmento do celebre Outeiro de Santa Catharina. (*)

Procedendo nós ha dias, uma busca rigorosa no valioso archivo da Santa Casa da Misericordia, desta

---

(*) O Snr Almeida Moraes, como presidente da Camara, mandou collocar em 1902 uma placa de bronse, com inscripções, sobre esse monolytho, satisfazendo assim o desejo do autor destas linhas.

cidade, em busca de documentos referentes a Braz Cubas, seu fundador, encontramos em um relatorio do começo deste seculo, 1800, uma nota do provedor Dr. Claudio Luiz da Costa, que, sobre o referido Outeiro diz o seguinte: « O outerinho de Santa Catharina, que assim éra uma demarcação antiga desta Villa, brevemente desapparecerá em seus menores vestigios, pois vae sendo arrasado em vantagem da Villa. »

Felizmente porem, o Dr. Eboli, talvez involuntariamente, veiu a tempo de nos poder ainda preservar uma pequena parte deste outeiro, que já no começo deste seculo o digno procurador Dr. Claudio vaticinava e lamentava o seu desapparecimento.

A Egreja de Santa Catharina, que deu nome ao referido Outeiro, devia ser uma ermida de pequenas

proporções, e passou quasi despercebida entre os chronistas da época.

A primeira Egreja da Misericordia foi levantada no mesmo lugar em que hoje existe a Matriz. O hospital éra situado em suas immediações, no sopé do Outeiro, em cuja base se erguia a dita Egreja.

A Capella e casa de Anchieta, onde este thaumaturgo ensinava, e onde mais tarde se edificou o Collegio e Egreja dos Jesuitas, ficava ao lado direito da Egreja da Misericordia, (lado do mar) sobre a mesma base do outeiro. Esse collegio e Egreja dos Jesuitas servio muito tempo, após a expulsão dos padres, de Alfandega, correio e quartel, e foi demolido para sobre elle levantar-se o novo edificio da alfandega que ali vemos actualmente.

A Egreja da Misericordia serviu de Matriz nos primeiros tempos e, apesar

da ordem de El Rey que, a requerimento dos Irmãos mandou que o vigario de Santos desoccupasse a Egreja da confraria, e tratasse de construir um templo para Matriz, nada se fez nessa occasião.

Mais tarde, os Irmãos, de accordo com o parocho, edificaram uma outra Egreja da Misericordia no lugar em que hoje se ve a praça Maná e para ahi mudaram o seu hospital, ficando a primeira Egreja entregue definitivamente á parochia.

O lugar denominado hoje por Praça Maná era antigamente conhecido por « Campo da misericordia velha, passando depois a chamar-se *Campo da Corôação*, em seguida *Largo da Corôação* e ultimamente a Camara Municipal resolveu ainda dar-lhe outra denominação — Praça Maná.»

Parece a primeira vista, que pouco ou nem um valor tem a mudança e tróca

dos nomes primitivos, que constantemente se pratica em nossas ruas e praças; é entretanto devido a isso que se vão destruindo as tradições e creando sérios embaraços aos investigadores, é devido a esse pessimo costume que nos vem a falta de amor e de respeito pelas coisas do passado, quiçá, da nossa historia, tão descurada e cheia de lacunas imperdoaveis.

Por maiores rebuscas que effectuassemos no velho archivo da Santa Casa não conseguimos descubrir a época precisa em que foi edificada segunda Egreja e Hospital da Misericordia no referido *Campo da Misericordia,* mas é evidente que foi no começo do seculo XVII. Braz Cubas que falleceu no anno de 1597, (segundo refere o seu epitaphio) foi sepultado ainda na primitiva Egreja, da Misericordia.

F. Gaspar em suas *Memorias*, referindo-se á morte deste fidalgo diz:

«Cubas foi sepultado na Capella-Mór da Egreja da Misericordia, hoje Matriz da Villa de Santos, e no pavimento sobre sua sepultura collocaram uma Campa, que agora existe no presbyterio, onde se vê gravado o seu epitaphio.»

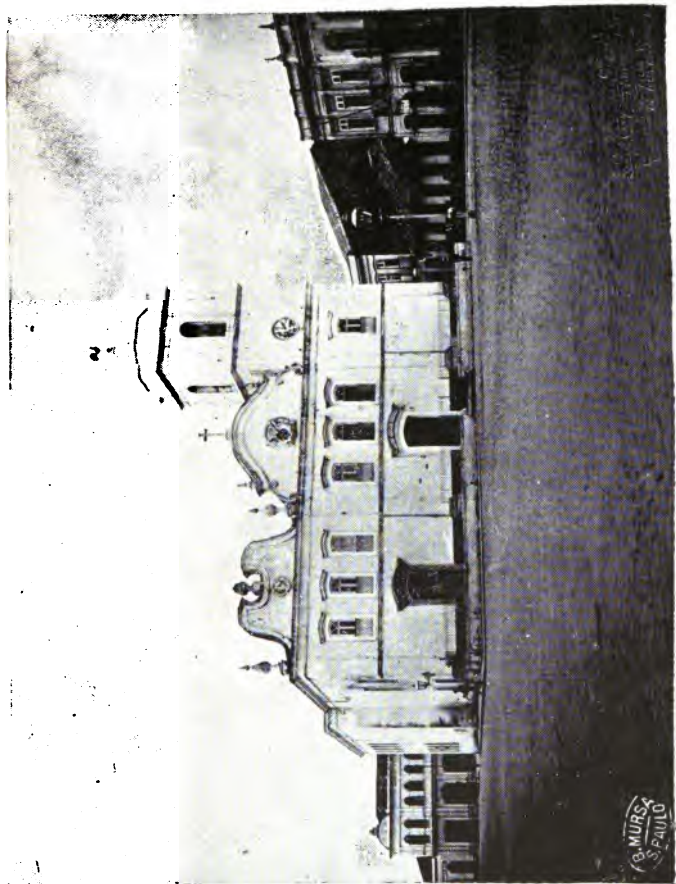
Em 1796, quando o mesmo F. Gaspar publicou as suas *Memorias,* ainda existiam a Egreja e o hospital no referido *Campo da Misericordia,* hoje praça Maná. Ainda em um relatorio da mesma Santa Casa, feito e apresentado pelo provedor José Joaquim Florindo e Silva em 1874, no historico sobre a fundação do hospital, e reportando-se ás *Memorias* de F. Gaspar, na parte em que o chronista se refere ao 2° hospital, fez o dito provedor esta annotação: « Já hoje nem desta Egreja existe o menor vestigio. Ella foi construida no meio do Largo que ainda hoje (1874) se chama *Campo da Misericordia velha.*»

A Egreja e hospital da Misericordia actuaes, são, por conseguinte, da terceira edificação, e foram levantados no logar em que existiu a antiga Egreja de S. Francisco de Paula. Essa Egreja de S. Francisco de Paula é a mesma que primitivamente tinha a invocação de S. Jeronymo, no tempo de Braz Cubas; mudada depois para a invocação de S. Francisco de Paula por provisão do Bispo D. Matheus de Abreu Pereira.

A Egreja Matriz actual, sob Invocação de N. S. do Rosario Apparecida, onde repousão os restos de Braz Cubas, foi concluida e sagrada no anno de 1754, pelo vigario P.e Faustino Xavier do Prado, no dia 1.º de Junho do referido anno de 1754. Essa Egreja está situada no mesmo lugar em que existiu a primitiva Egreja da Misericordia, e foi, por conta da Parochia, nessa época, edificada

com as proporções e ampliações que a população e pessoas da parochia exigião.

« A sepultura de Braz Cubas, segundo afirma Fr. Gaspar, existia na Capella-Mór da primeira Egreja; porem, com as reformas e reedificações que se fizeram em 1754, ficou a referida sepultura existindo no presbyterio, ao lado da Epistola. »

Ahi, ao lado da Epistola, permaneceu essa sepultura por mais de um seculo, e, ha bem pouco tempo ali se via ainda essa *Campa* de granito, já um tanto carcomida, mas onde se lia distinctamente, em caracteres antigos, este epitaphio, do qual conservamos uma copia autentica, letra por letra:

Matriz de Santos, onde Braz Cubas estava sepultado

S.ᴬ DE BRAZ CVBAS
CAVALLEIRO FIDALGO DA CAZA D'EL-REY

FVNDOV E FEZ ESTA VILLA SENDO CA
PITAN E CAZA DE MISERICORDIA
ANNO 1543
DESCVBRIO OVRO E METAES
ANNO 60,
FEZ FORTALESA POR MANDO D'EL REY
D. JVAN III
FALLECEV NO ANNO DE 1597 A

Em 1892, o vigario de então, P.ᵉ Dr. Urbano Monte, fazendo concertos na Matriz, teve a idéa de ampliar a área do presbyterio e de substituir o antigo pavimento de tijóllos e lages por um mosaico á moderna; e . . , achando que aquella vetusta lapide de cantaria, enegrecida pelo tempo, e ingenuamente gravada com aquelles caracteres antigos, fazia pessima nota no meio do desenho uniforme e novo do mosaico, resolveu, sem mais detença, retiral-a d'ali.

Alguem lembrou-lhe então a importancia daquella lapide, e a conveniencia que havia em conserval-a.

O Vigario Monte resolveu fazer cousa aceiada: Em vista daquella pedra esborcinada, mal feita e feia, achou que seria de vantagem substituil-a por outra. Assim o fez, mandando copiar o epitaphio com algumas correcções, para uma louza de marmore polido.

E, para não prejudicar o effeito geral do novo pavimento e ficar tudo de accordo com as reformas que encetou, e demais adornos que mandou fazer no templo, não quiz, de proposito, collocar a lapide de marmore, sobre o lugar da primeira, onde estão os restos de Braz Cubas, e mandou assental-a na Capella-Mór, como um objecto de adorno, guardando o centro e a symetria!...

Soubemos, mais tarde, que a primitiva lapide que cobria os restos de Braz Cubas fôra retirada para fóra da Egreja, entre os entulhos que obstruiam o recinto. Corremos, fomos vel-a, não mais a encontramos.

O Dr. Monte pensando fazer uma reparação, julgando, na sua boa fé, praticar um acto de louvor, fez entretanto dous males irreparaveis : Destruiu a primitiva pedra, com o epitaphio original de Braz Cubas, e desmarcou, confundiu a sua sepultura.

Se neste anno de 1897, no qual se commemora o terceiro centenario da morte do fundador de Santos, não se puder, ou não se quizer fazer a exhumação dos preciosos restos, para transportar para a cripta do monumento em sua memoria projectado, será necessario então que se pense em evitar este mal e estes enganos, que hão de, sem duvida, desorientar

os investigadores do futuro, quando o povo de Santos, melhor disposto que o de hoje, quizer pagar ao seu fundador esta divida de honra e gratidão.

S. Vicente, 1897

BENEDICTO CALIXTO

ERRATA

No artigo do Senhor Benedicto Calixto escaparam os seguintes erros que, em tempo, corrigimos para que esta collaboração saia escoimada de senões.

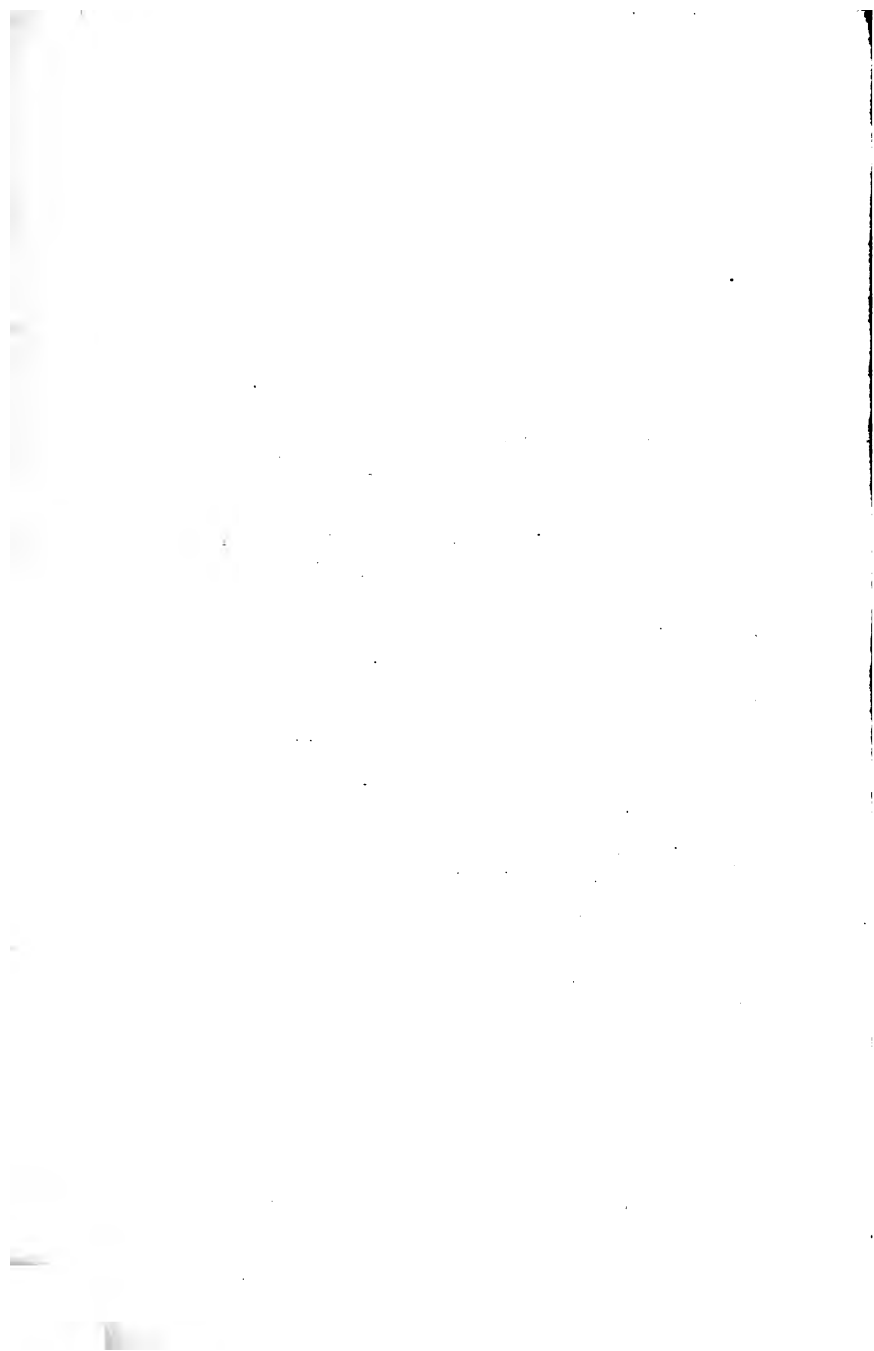
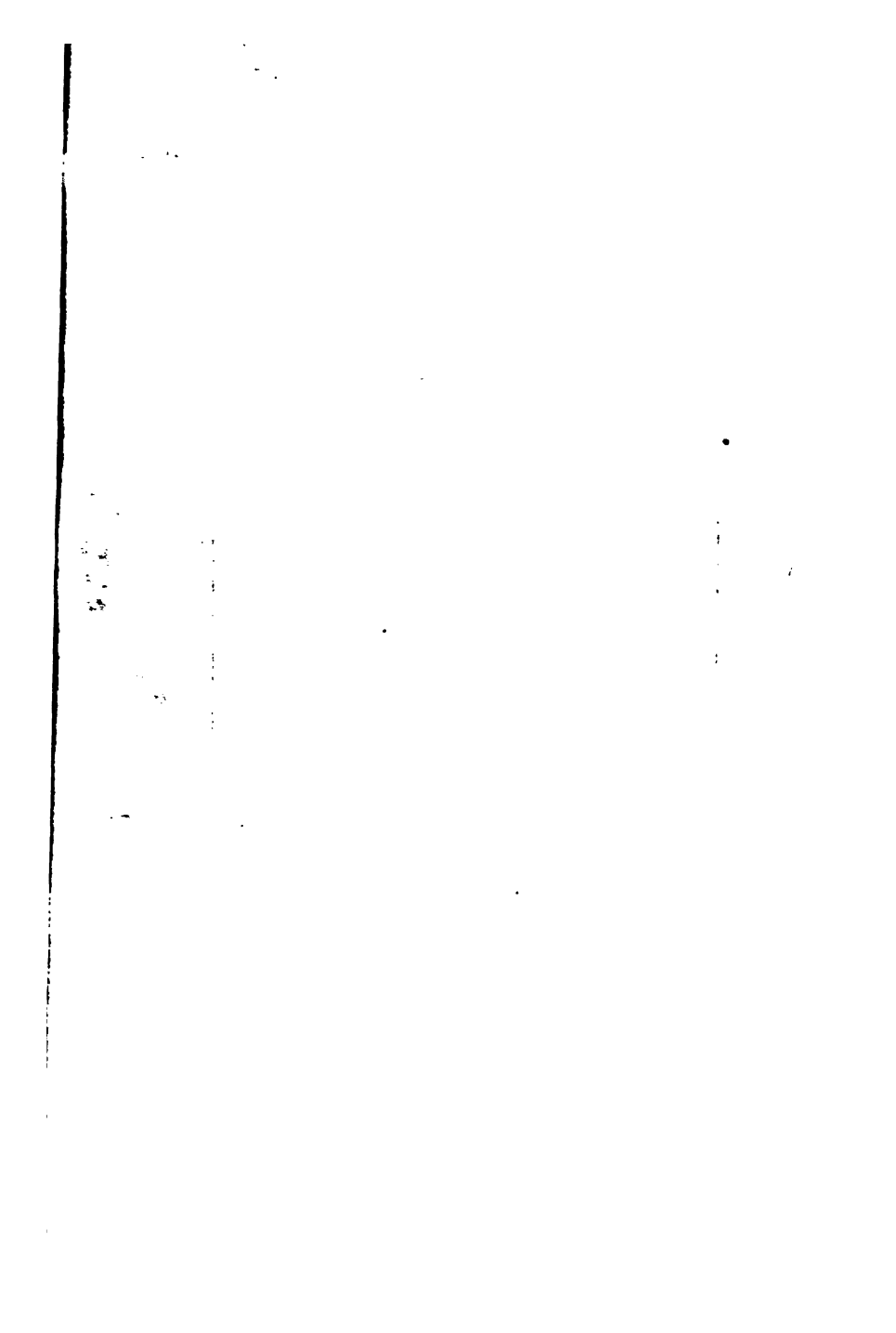
á pag. 88 e onde sahiu *Praça Maná* leia-se ***Praça Mauá.***

» » 92 onde ha *população e pessôas* leia-se ***população e posses.***

» » 93 no epitaphio de B. Cubas elimine-se a apostrophe da palavra *D'El Rey*, ficando assim: ***dEl-Rey.***

Idem em vez de: *Falleceu no anno de 1597* leia-se: ***Falleceu no anno de 159zA.***

A epigraphe leva a seguinte nota:

Este artigo foi publicado no *Diario de Santos* em Dezembro de 1897 — na occasião em que se pretendia festejar o 3.º centenario de Braz Cubas.

Lapide sobre a sepultura de Frei Gaspar
no Convento de S. Bento

Braz Cubas

(O fundador de Santos)

Numa pequena e simples lapide de marmore, collocada dentro da actual matriz da cidade de Santos, perto dos degráus que levam ao altar mór, lê-se o seguinte:

«S. de Braz Cubas cavalleiro fidalgo, da Casa d'El Rey. Fundou e fez esta villa, sendo capitão, e casa de misericordia, anno de 1543, descobriu ouro e metaes, anno de 60, fez fortaleza por mandado d'El Rey D. João III. Falleceu no anno de 1592. A.»

Ahi está o esboço de uma biographia, da biographia de um dos

mais extraordinarios portuguezes que, com Martim Affonso de Souza, desembarcaram em São Vicente, e foram os primeiros povoadores desta linda e riquissima terra.

Quem deu ao marmorista os dizeres da gravação, era, por certo, espirito alevantado, e, em simples quão poucas palavras, assignalou os traços mais salientes da vida preciosa do benemerito fidalgo, que, em 1531, contando cerca de 23 annos de edade, chegára ao Brazil com animo resoluto de não mais o deixar.

Braz Cubas fundou Santos, organisou bandeira, fez fortaleza, instituiu o primeiro hospital que houve em nosso paiz, occupou todos os cargos de confiança, na colonia, entregou-se á agricultura e á industria pastoril, creando varias fazendas entre as quaes a de Bogy, hoje Mogy das Cruzes. Foi um homem energico, audaz, cora-

joso, intelligente, dotado de actividade pasmosa e de coração bemfazejo. Verdadeiro fidalgo portuguez daquella velha e forte tempera, que reflectia, em seu temperamento e em seu caracter, os impetos terriveis de D. João II, a opulencia e o arrojo de D. Manuel, o Venturoso, e o orgulho glorioso de D. João III.

Não se póde apreciar devidamente o typo classico dos fidalgos portuguezes, tão atrevidos e emprehendedores, tão corajosos e humanitarios, tão rudes e tão fieis, sem que se volva o pensamento para aquelles tempos privilegiados da historia portugueza.

As tragedias de Evora e de Setubal em que foi protogonista o proprio rei de Portugal D. João II, o principe perfeito, fazendo degolar o duque de Bragança, na praça publica, e matando a punhaladas por suas pro-

prias mãos, o duque de Viseu; as descobertas e as navegações de Bartolómeu Dias, Vasco da Gama, Fernão de Magalhães e Alvares Cabral; a opulencia de D. Manuel, que deslumbrou o mundo com suas riquezas e com o seu luxo descompassado; todos, todos esses factos repercutiam na alma dos fidalgos como exemplos e ensinamentos, como preceitos a cumprir, como deveres a respeitar. Ser fidalgo era ser corajoso e atrevido e sanguinario, como fôra D. João II; era ser emprehendedor e audaz como o foram Bartholomeu Dias e Vasco da Gama, que venceram o oceano e abriram novos caminhos por esses mares tempestuosos e desconhecidos, ou como o fôra aquelle formidavel marinheiro Fernão de Magalhães que, após ter ligado por uma ira d'agua o Atlantico ao Pacifico, viera morrer, como leão feroz, baten-

do-se á frente de poucos marinheiros seus, contra quatro mil indigenas, cujo chefe ousara recusar-lhe provisões de bocca para bordo; era ser generoso e opulento como o fôra D. Manuel por occasião da celebre embaixada que enviou á Roma, « essa embaixada estupenda, procissão magnifica, que conseguiu deslumbrar a côrte de Leão X, onde se reuniam os primores da civilisação da Europa.»

Comprehender-se-á agora, e facilmente, que um fidalgo de 23 annos, inteligente e ambicioso de glorias, logo ao chegar ás novas terras luzitanas, procurasse, como melhor lhe proporcionasse o meio desfavoravel, dar expansão ás suas qualidades distinctas de homem emprehendedor, arrojado, corajoso, bom e fiel.

Pois bem. Martim Affonso funda ra S. Vicente, e os primeiros povoadores, que para alli vieram, começa-

ram a devassar a vizinhança, entregando-se, cada qual, ás fadigas que mais se adaptavam ao seu temperamento. Braz Cubas sentira que o porto de S. Vicente não podia ser o melhor daquellas paragens, e que aquella nascente povoação não correspondia ás necessidades de uma colonia, que, por força dos seus elementos naturaes, de sua terra uberrima, de seu clima magnifico, de suas cachoeiras alvissimas e poderosas, de suas mattas sem egual, tinha futuro certo, (e quem sabe pensaria elle) não remoto.

— «Exploremos o sertão e os rios, reconheçamos o mar.» E, partindo do porto das naus, pelos rios proximos, foi ter ao Casqueiro, foi ter a um bellissimo ancoradouro, de mar tranquillo, e de profundidade extraordinaria, que ficava bem em frente de verdejantes outeiros — E logo a um desses Outeiros quiz dar o nome de «San-

ta Catharina ». Fazendo toda a volta pelo ancoradouro, que ficou reconhecido, navegou pelo largo rio, sempre costeando morros, até que de novo se achou com a barra de S. Vicente á vista, fazendo por ella entrada festiva na villa onde Martim Affonso fundara a grandiosa Capitania de S. Vicente.

Conhecido o caminho maritimo, fez-se preciso explorar o terrestre.

— « Pois que se o explore e quanto antes. » Ficou sabendo então que de S. Vicente ao outro porto, por terra, tambem se poderia ir, embora com viagem mais pesada, que seria menos longa, removidos naturaes obstaculos.

Braz Cubas comprehendera, de relance, que o ancoradouro por elle descoberto era magnifico, era extraordinario; e que, alli, havia encontrado campo para exercitar a sua pasmosa actividade, dar desenvolvimento aos

seus projectos e ás suas ambições de mando e de gloria, prestando, como pudesse, os seus serviços pessoaes e dedicados á corôa, ao seu Rey, ao seu Deus, e, sobretudo, a esse tão amado Portugal, que era a sua Patria.

Além de que, isolado, prestando serviços por sua conta, serviços directos, serviços personalissimos, a sua figura ganharia em destaque, e elle, sem sombra nem suggestões, afastado de S. Vicente, seria personalidade bem distincta. Apoio em Lisboa, não lhe faltaria. Tinha o Rey, e junto do Rey os seus parentes, todos fidalgos, todos da Côrte, todos gosando de sympathia e da valiosa amizade de D. João III.

— «Comecemos a executar o plano da fundação de melhor villa, em que sejamos primeiro e possamos mandar...»

No logar em que Braz Cubas resolveu crear a nova povoação, acha-

vam-se então Pascoal Fernandes, e Domingos Pires. Era, portanto, necessario adquirir o terreno já occupado. O fundador de Santos comprou de um delles a parte de terra em que se encontrava o outeiro de Santa Catharina, e proximo deste onteiro « que era de matto virgem fez-se a primeira roçada, dando-se começo á nova e futurosa povoação. »

« A primeira casinha que teve Santos foi feita por Pascoal Fernandes, genovez, e Domingos Pires, os quaes alongando-se mais da villa de S. Vicente, cultivaram como socios, o terreno que puderam, antes de terem carta de sesmaria ; um destes vendeo o terreno que lhe pertencia a Braz Cubas, e assim foi crescendo Santos, conservando-se com o nome de porto, como da villa de S. Vicente, até que depois lhe chamaram porto de Santos, erigindo, Braz Cubas, o

primeiro hospital, (com o nome de Santos) e Misericordia, que teve o Brasil, confirmada na villa de Almeirim a 2 de abril de 1551, pelo Senhor Rey D. João III, dando-lhe todos os privilegios que seu Augusto Pay tinha dado ás Misericordias de Portugal. »

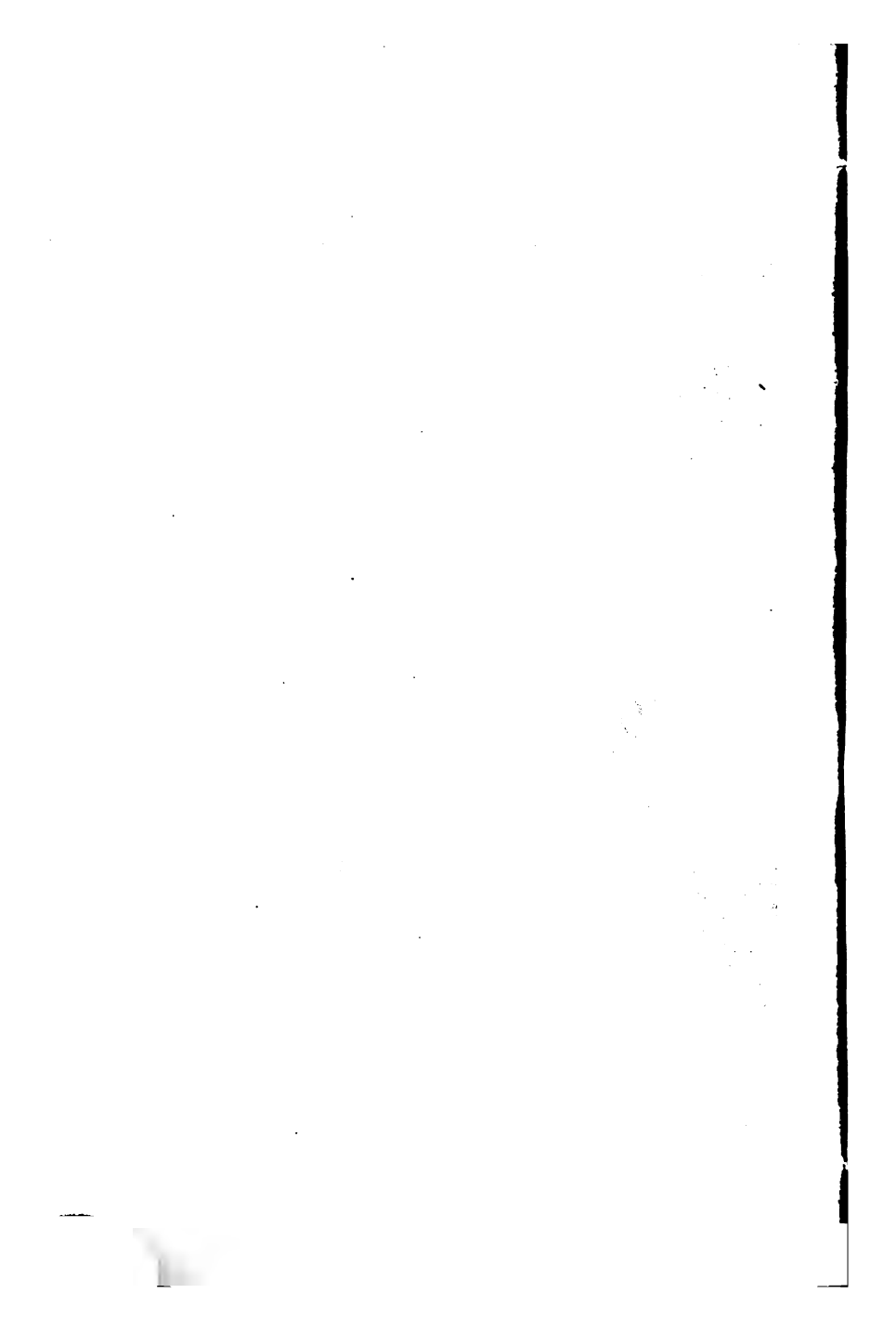
Por muito tempo ainda S. Vicente gosou de supremacia sobre Santos. Mas, a orientação dos prepostos mais ligados a Martim Affonso, que deixara sua esposa, d. Anna Pimentel, encarregada dos negocios da colonia, emquanto elle, Martim Affonso, continuava em serviço do Rey, por mares e terras distantes, era inferior á intelligente e sagaz direcção que Braz Cubas, moço e ardoroso, cheio de ambições nobillissimas, amante de glorias, dotado de rara penetração e largo descortino, estava dando ao nucleo de povoação, que acabava de fundar,

e que seria o alicerce solido e indestructivel da sua Immortalidade.

Os factos demonstraram logo o acerto de Braz Cubas: — S. Vicente deu de estacionar. Santos progrediu rapidamente, protegido pelo anjo da Caridade. A 8 de junho de 1545 Braz Cubas era capitão-mòr, e um dos seus primeiros cuidados foi dar foro de villa ao porto de Santos, fins de 1546. Não ha certeza do dia em que Santos fosse elevado á categoria de villa Esse facto, porém, segundo os melhores historiadores, deu-se entre 14 de agosto de 1546 e 3 de janeiro 1547. Ponderam muitos que, a principio, a povoação de Santos era conhecida pelo nome de Porto, simplesmente Porto, mas, que depois da fundação do hospital que, á imitação dum que havia em Lisboa se chamára — Santos, começou a ser conhecida com o nome de Porto de Santos.

Não se póde suppor tambem que a elevação do porto á categoria de villa occorresse a 1 de novembro de 1546, e que, por ser esse o dia de Todos os Santos, passasse o porto a chamar-se porto de Santos? São detalhes de historia sem valor apreciavel, mas que deleitam o espirito e alegram o trabalho dos investigadores. Não é hypothese aceitavel? Que Braz Cubas fundou Santos porque percebeu que o porto de S. Vicente não satisfazia aos progressos da colonia, em que elle, ao contrario de quasi todos, depositava confiança, não ha a menor duvida. A sua personalidade saliente não podia contentar-se com a vida monotona e retrograda que já se notava em S. Vicente, onde de bem muito pouco se fazia e mais se cuidava de aprisionar, escravisar e vender indios.

Braz Cubas era um crente no progresso do Brasil, não se podia con-

Braz Cubas — Marmore de Carrara, 2,^{m} 50

formar com que o porto de S. Vicente, cujo ancoradouro é pequeno, e que tinha na sua entrada 20 palmos no baixa-mar e 25 no prea-mar, «com difficil passagem pela sua estreiteza e baixios» pudesse levar vantagens ao de Santos, que, imponente pelo seu ancoradouro e segurissimo pela sua collocação, tinha «70 palmos de fundo na baixa-mar e mais de 75 no prea-mar, mantendo em todo o seu vasto surgidouro», que é de toda a segurança, «a média de 60 a 70 palmos».

S. Vicente poderia satisfazer a espiritos acanhados ou a homens sem energia e sem penetração. A Braz Cubas, não. Elle previa que a colonia seria importante, e que o seu commercio se desenvolveria, não só com a metropole, mas tambem com o sertão para onde haviam de partir, subindo a serra de Paranapiacaba, os

primeiros povoadores dos Campos de Santo André e de Piratininga.

Energico, intelligente e corajoso, Braz Cubas, fortemente apoiado no reino por membros proeminentes de sua familia, entre os quaes Pedro Cubas, que gosava da intimidade e da confiança de d. João III, não descançava. Santos obtinha tudo o que precisava, el-rei não deixava de prestigiar ao seu nobre cavalleiro e fiel subdito e servidor, que em longinquas e perigosas plagas tão alto erguia o nome e o pavilhão portuguez.

Braz Cubas foi provedor da fazenda real, cavalleiro fidalgo, capitão-mór, ouvidor, moço de Camara, Contador de Rendas e Direitos reaes, governador e alcaide mór da capitania de S. Vicente, organisou a primeira bandeira, que bateu os sertões em busca de ouro, prestou todos os serviços publicos que ao seu rei pôde

prestar, preoccupou-se dá agricultura e das industrias, e não se esqueceu dos enfermos e dos infelizes que imploravam a sua protecção.

Fundou hospital e construiu egreja. Contribuiu efficazmente para a installação em Santos, de tres importantes engenhos: o de N. S. da Apresentação, de Manuel de Oliveira Gago; o da Madre de Deus, do fidalgo Luiz de Góes; o de S. João, de José Adorno, nobre genovez.

Braz Cubas não se cançava em pedir ao rei favores, auxilios e protecção á nascente colonia.

E como soubesse que não era só com o coração e com palavras doces que se governam os povos, o fundador de Santos, ao mesmo tempo que erguia egrejas e hospitaes, levantava pelourinhos e pedia á metropole armas, polvora e chumbo. «Mande vossa alteza olhar para esta terra, e man-

de-a prover de polvora de bombarda e pelouros e chumbo e bombardeiros. E tenho receio que se perca se vossa alteza não prover logo e não mandar povoar o Rio de Janeiro, porque os francezes favorecem os contrarios, dando-lhes muitas armas de fogo e muita polvora, que lhes dão muito animo para commetterem o que quizerem, como fazem ».

« O primeiro pelourinho erguido por Braz Cubas foi no logar onde se construiu a Casa do Trem Real, bem perto do Outeiro de Santa Catharina; e, caindo, levantou-se outro entre a cadêa publica e o convento dos religiosos do Carmo, calçados, no qual se gravou (por ignorancia) a inscripção — D. Pedro. 1697. »

Braz Cubas gosava de tal conceito em Lisboa que, quando « em 12 de julho de 1552, o bispo Sardinha escrevia da Bahia a d. João III par-

ticipando-lhe ter chegado na vespera um navio do sul trazendo a nova do descobrimento do ouro, em grande copia, noticia que fôra confirmada em 1554 pelo padre Anchieta», o rei de Portugal se lembrou logo do seu fiel cavalleiro, o fundador de Santos, «para a incumbencia de verificar os achados annunciados, pondo sob suas ordens o mineiro pratico Luiz Martins.» «Em serviço do rei, á procura de ouro, Braz Cubas bateu invios sertões, acompanhado de Luiz Martins. E, de volta dessa pesadissima viagem, enviou, para o reino, em 1561-2, as amostras de ouro, que trouxera, e por duas vias:—directamente a el rei e por intermedio do governador Mem de Sá.»

A corôa pediu-lhe uma segunda bandeira em busca do ambicionado metal: — Braz Cubas enviou Luiz Martins ao sertão, elle proprio «não pôde seguir por velho e doente.»

Se estes factos não bastassem para attestar a superioridade moral, a saliente personalidade, e a alta capacidade de Braz Cubas, ainda poderiamos citar e referir os varios embates em que se empenhou contra os indios, dirigindo pessoalmente as forças portuguezas, e trazendo para o seu lado as palmas da victoria ; a derrota que infligiu aos dois galeões inglezes que, sob o commando de Eduardo Feuton, atacaram a villa de Santos ; os soccorros que prestou a Hans Staden, que estava prisioneiro dos indigenas, dando instrucções aos portuguezes «que foram em busca do extrangeiro para que, primeiro, propuzessem resgate, e que, recusado este, captivassem, por qualquer fórma, alguns indios para imporem pela força o mesmo resgate, que não fosse aceito a bem.»

Sob todos os pontos de vista, Braz Cubas foi um homem superior,

dotado de todas as preciosas e raras virtudes que devem ornar os triumphadores da vida, os que a Historia abriga sob seu manto fulgurante. Altivo e independente, quando fundou Santos; intrepido, quando defendeu a sua nascente povoação; corajoso, quando bateu os sertões em procura de ouro; audaz, quando mandou resgatar Hans Staden; severo, quando aprisionou e executou os marinheiros inglezes que desembarcaram em Santos; prepotente, quando era preciso querer; intelligente e perspicaz, quando organisava e dirigia os negocios da colonia; Braz Cubas foi doce, foi meigo, foi bom, foi humano quando, para satisfazer os impulsos de seu grande coração, fundou esse hospital — Santa Casa de Misericordia de Santos — primeiro abrigo que a caridade christan encontrou em nossa terra.

Foi á sombra da protecção de Braz Cubas que os primeiros infelizes e os primeiros enfermos e os primeiros desgraçados, que conheceram a terra brasileira, puderam encontrar um lenitivo á sua dor, um allivio aos seus males, um conforto á sua miseria...

Portuguez, nobre, fiel, dedicado e bom, Braz Cubas transplantou para o nosso meio essa instituição tão portugueza das Santas Casas de Misericordia, cujas irmandades « para todos os males do corpo e da alma procuram balsamos e allivios, e assim consubstanciam numa instituição unica e fundamental o inteiro idealismo christão de amor e caridade. » No reino, a triste e atribulada rainha, que fundou o hospital das Caldas e o convento de Xabregas, procurava repouso no exercicio da piedade pa-

a « esquecer o desamor do esposo, a perda do filho, o assassinato do irmão, ás mãos do rei, no seu proprio paço e sob os seus olhos, o processo e morte do cunhado a perseguição da familia inteira, e mais que tudo, talvez, o valimento do bastardo e de sua mãe! »

Na colonia, o fidalgo immigrado, que fundou a Santa Casa de Misericordia de Santos procurava, no exercicio da caridade, dar maior brilho aos seus esforços, ao seu trabalho ingente, á sua obra de patriotismo, afim de que os humildes e os infelizes bemdissessem o seu nome e os seus serviços. A rainha praticava a caridade pelo bem que desejava fazer e para esquecer dores proprias. O fidalgo praticava a caridade pelo bem que desejava fazer e para goso de sua alma boa e gloria e renome de sua povoação prospera e florescente.

D. João III confirmou os privilegios e regalias de que havia de gosar a obra meritoria de Braz Cubas — a Santa Casa de Misericordia de Santos.

E para maior conforto e satisfação do fundador de Santos, foi Pedro Cubas quem fez, em Almeirim, o alvará de confirmação, no qual el rei outorgou ao primeiro hospital brasileiro as mesmas prerogativas que seu augusto pae outorgara aos existentes no reino.

Em pouco tempo, numa das praças de Santos erguer-se-á a estatua de Braz Cubas. Não haverá quem por ella passe sem que num olhar carinhoso preste a homenagem devida ao grande homem que, fundando Santos, revelou a finura de seu engenho, o descortino do seu talento, a firmeza de seu caracter e a bondade de seu coração.

Que o poeta, cuja familia é santista, diga, em suas palavras quentes, a gloria de Braz Cubas:

Hoje é seu ninho o sol! do leito ardente
Avista ousado o gyro dos planetas!
Deus sorri-lhe na vasta e immensa altura

. . . .

A luz é o dia; a eternidade o tempo...
Eterna é a gloria, eterna a formosura.

EUGENIO EGAS